

## **Trajetórias de estudantes indígenas na pós-graduação: um ensaio falado em múltiplas vozes<sup>1</sup>**

**André Marques do Nascimento<sup>2</sup>**

**Caetano Tserenhi'ru Moritu<sup>3</sup>**

**Eneida Brupahi Xerente<sup>4</sup>**

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar reflexões sobre as trajetórias de estudantes indígenas num programa de pós-graduação, a partir de suas próprias perspectivas, suscitadas em rodas de conversa que abordaram dimensões como produção de conhecimento e práticas de letramentos acadêmicos em contexto de diálogo/conflito intercultural e interepistêmico. Ao tomar a forma de um ensaio falado, o trabalho busca refletir a natureza oral e dialógica de seu contexto interacional e, principalmente, promover outras possibilidades de escrita acadêmica situada e menos grafocêntrica. As reflexões apresentadas em forma de diálogo visam, ainda, contribuir para a avaliação institucional do acesso e da permanência de estudantes indígenas na universidade que sejam, de fato e plenamente, inclusivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudantes indígenas. Pós-graduação. Produção de conhecimento. Letramentos acadêmicos.

### **Trajectories of indigenous students in a graduate program: an essay spoken by multiple voices**

### ABSTRACT

This work aims to present reflections on the trajectories of indigenous students in a graduate program, from their own perspectives, raised in conversation circles that addressed dimensions such as knowledge production and academic literacy practices in a context of intercultural and interepistemic dialogue/conflict. By taking the form of a spoken essay, the work seeks to reflect the oral and dialogic nature of its interactional context and, mainly, to promote other possibilities of situated and less graphocentric academic writing. The reflections presented in the form of a dialogue also aim to contribute to the institutional assessment of the access and permanence of indigenous students in the university so that it is, in fact and fully, inclusive.

**KEYWORDS:** Indigenous students. Graduate program. Knowledge production. Academic literacies.

<sup>1</sup> Este ensaio é dedicado à professora Maria do Socorro Pimentel da Silva, cuja oralidade repleta de esperança reverbera em nossos corações e em nossas reflexões sobre formas genuínas de fazer educação intercultural.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: [andremarques@ufg.br](mailto:andremarques@ufg.br).

<sup>3</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: [caetanotserenhi@discente.ufg.br](mailto:caetanotserenhi@discente.ufg.br).

<sup>4</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: [eneidabrupahi@discente.ufg.br](mailto:eneidabrupahi@discente.ufg.br).

## Introdução

Coube a mim, André, a tarefa de apresentar à leitora e ao leitor a natureza e a razão deste texto e, principalmente, a relevância da matéria que o constitui. Trata-se do que decidimos chamar de um “ensaio falado” por múltiplas vozes. Pela minha, professor no programa de pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG); pela de Caetano e a de Eneida, estudantes de mestrado no mesmo programa, com pesquisas desenvolvidas sob minha orientação.

Nossa relação de parceria acadêmica se iniciou quando estavam ainda na graduação, no curso de Licenciatura em Educação Intercultural, na UFG, onde se formaram como docentes indígenas e onde eu atuo como docente. Neste primeiro encontro, como poderá ser visto, plantamos coletivamente sementes de conhecimentos que hoje buscamos cultivar. Foi, contudo, a partir do ingresso desses/as estudantes no mestrado, em março de 2020, que essa parceria se consolidou, nos tornando intimamente próximos/as, num contexto em que fomos obrigados/as a nos distanciar. Foi desse movimento de aproximação, ainda que mediada por nossas telas conectadas à internet, que se originou a confiança necessária para as três rodas de conversa que dão forma a esse ensaio, cuja natureza, como a situação interacional informa, é oral.

Esses três momentos, ocorridos em 28 de julho, 10 de agosto e 22 de setembro de 2021, nos juntaram desde lugares geograficamente muito distantes. Eu, numa cidade do interior de Goiás, próxima ao campus universitário onde trabalho; Caetano, na Aldeia São Marcos, do povo *A'uwẽ Uptabi*, no estado do Mato Grosso; e Eneida, na Aldeia Funil, do povo *Akwẽ*, no estado do Tocantins. Nestes momentos, Caetano e Eneida já estavam no curso de mestrado há quase um ano e meio, estando ambos/as, na ocasião da última roda de conversa, em vésperas do exame de qualificação de suas dissertações. Eram, pois, momentos propícios para reflexões de “meio do caminho”. Hora oportuna para refletir sobre as experiências na pós-graduação, sem as urgências das incontáveis reuniões de orientação de pesquisas que aconteciam regularmente desde o início do ano anterior.

E esta foi a razão das rodas de conversa. Trazer à tona e problematizar momentos importantes das trajetórias de uma pesquisadora e de um pesquisador indígenas num programa de pós-graduação que, como instituição, ainda é muito pouco engajado num verdadeiro diálogo intercultural e interepistêmico. Estes momentos organizam o ensaio dialogicamente construído durante nossas conversas, que se iniciam com reflexões sobre os interesses e expectativas em relação ao curso de mestrado; sobre como as reflexões iniciadas no curso de graduação geraram

as ideias implementadas em seus projetos de pesquisa, que mantem forte vínculo com seus povos; e sobre os desafios impostos pelo processo de seleção, pautado, para além da burocracia rotineira, na língua portuguesa, segunda língua para ambos/as os/as estudantes, e em conhecimentos exclusivamente não indígenas, como pode ser constatado pelas referências bibliográficas indicadas para a prova teórica.

Sobre suas vivências, já durante o curso de mestrado, conversamos sobre a construção de suas práticas de pesquisa em suas comunidades; sobre a experiência com o ensino remoto no curso das disciplinas obrigatórias, considerando todas as dificuldades impostas especialmente a quem carece de infraestrutura de comunicação e informação mediada pela internet; sobre como estabeleceram, ou não, diálogos interepistêmicos com autores e autoras indígenas e não indígenas, por meio dos textos lidos e debatidos durante as aulas; e também sobre a experiência de escrita de seus trabalhos e dissertações em língua portuguesa, um repertório que, inevitavelmente, constitui suas trajetórias pregressas e atuais, mas que, especialmente no âmbito acadêmico, impõe dificuldades, desafios e restrições aos/as pesquisadores/as indígenas na universidade.

Como a leitora e o leitor poderão perceber, Caetano e Eneida nos mostram que esta trajetória na pós-graduação se tornou mais uma dimensão das lutas indígenas neste território que chamamos de Brasil, cujo objetivo, neste caso, é tornar explícitas as condições de acesso e diálogo intercultural e interepistêmico com a universidade que, por direito, desejam e demandam os/as pesquisadores/as indígenas.

De muitas formas, este ensaio falado em múltiplas vozes é também um importante registro de nosso tempo, pois tornam inequivocamente escancaradas as consequências mais cruéis da pandemia de covid 19 para estudantes de comunidades historicamente marginalizadas pelo Estado brasileiro e suas instituições, das quais a universidade faz parte. Todo o sofrimento causado pelo medo, pelo adoecimento e pelas lamentáveis perdas de gente próxima e querida, que inevitavelmente interfere em nossas vidas, pareceu importar pouco, quando a universidade, seguindo diretrizes de agências financiadoras e avaliadoras, decidiu que as atividades de ensino na pós-graduação deveriam ser retomadas, a despeito daqueles e daquelas que foram e continuam sendo excluídos/as e prejudicados pela falta de condições adequadas para o estudo e para a pesquisa durante a pandemia. Por outro lado, este ensaio se torna, também, mais um registro da resistência e da luta indígenas materializada em todos os enfrentamentos vivenciados por Caetano e Eneida em suas trajetórias no mestrado que, ao fim, se direcionam a um sonho coletivo, dela e dele, meu e de suas comunidades.

No processo de planejar coletivamente este texto, decidimos que era preciso, de alguma forma, tentar manter nele a confiança e o afeto que constituíram nossas rodas de conversa, além de buscar manter a proximidade com a oralidade, mesmo cientes de todas as limitações que a escrita nos impõe, nesse sentido. Como Eneida diz mais adiante, “a escrita perde a emoção!”. Assim, para projetar na escrita a emoção dos encontros, decidimos manter a forma de uma conversa.

Essa decisão foi, contudo, motivada e se justifica na inspiração de bell hooks<sup>5</sup> e de Paulo Freire. bell hooks (2017), ao propor um diálogo lúdico entre sua voz de escritora e a de Gloria Watkins, seu nome de registro, conversando sobre o educador brasileiro, manteve na escrita a estrutura de uma conversa. Segundo ela, porque essa forma proporciona intimidade, familiaridade, e se torna uma possibilidade de partilhar solidariedade.

Já em *Por uma pedagogia da pergunta*, escrito uma década antes da publicação original do trabalho de bell hooks, Paulo Freire (2019) nos mostra a possibilidade de um “livro falado”, gerado no diálogo, na comunhão intelectual, com o chileno, também educador, Antonio Faundez. Ao decidirem manter a estrutura de uma conversa oral no livro que virou escrita, Freire enfatiza como o que estão fazendo é “algo sério e algo rigoroso. O estilo é que é diferente, enquanto oral. É mais leve, mais afetivo, mais livre” (FREIRE, FAUNDEZ, 2019, p. 16).

Num último movimento de apresentação deste texto, também é necessário mencionar que nossas rodas de conversa e o que delas se origina agora são partes de uma atividade interessada, isto é, constituem atividades do projeto de pesquisa *Letramentos acadêmicos em zonas de contato: trajetórias de estudantes indígenas na pós-graduação*, por mim coordenado<sup>6</sup>. Ao interseccionar epistemologia, produção de conhecimento e práticas de letramentos no contexto acadêmico, inevitavelmente perpassada pela complexidade que se configura na/a partir das diferenças étnico-raciais e socioculturais, esse projeto busca elucidar e problematizar se e em que dimensões o contato entre diferentes genealogias epistemológicas e diferentes posicionamentos geo e corpo-políticos impactam a produção de conhecimento e as práticas de letramentos de estudantes indígenas na universidade. Mais do que isso, visa contribuir para a

---

<sup>5</sup> bell hooks é o pseudônimo da teórica negra, feminista, educadora e ativista estadunidense Gloria Jean Watkins. Por sua própria decisão, seu pseudônimo é grafado com letras minúsculas, como posicionamento político que subverte normas de escrita acadêmica e propõe a ênfase na substância do que escreve e não em sua posição como acadêmica.

<sup>6</sup> Obviamente, Caetano e Eneida, foram prévia e devidamente informados sobre os interesses do projeto de pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, e consultados, por meio de um consentimento livre e esclarecido, sobre seus próprios interesses em participar das rodas de conversa, da publicação deste trabalho e da divulgação de seus nomes.

avaliação institucional da trajetória desses/as estudantes, especialmente no que diz respeito à sua permanência e ao seu desempenho nos programas.

Esperamos, assim, que ao compartilhar essas reflexões que dão matéria a esse ensaio falado por múltiplas vozes possamos nos conectar com outras experiências de estudantes e pesquisadores/as indígenas e abrir caminhos para novas formas de diálogo com a universidade e com os programas de pós-graduação que considerem a interculturalidade como uma condição ética e política e como um fundamento epistêmico e não simples e superficialmente como nomes de disciplinas e objetos de pesquisa.

### **O ensaio falado em múltiplas vozes...**

**André:** Vamos pensar em antes de vocês entrarem no mestrado. Vocês foram meus alunos, no Português Intercultural, no Tema Contextual que eu achei que foi muito significativo para mim, mas eu percebo que foi para vocês também, que foi Letramentos Culturais e Interculturais. Então, a gente vem desse trabalho conjunto desde a Educação Intercultural, do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. Eu queria ouvir de vocês como surgiu a ideia de fazer mestrado? Por que vocês sentiram vontade de fazer mestrado? De onde veio isso? Quem quer começar?

**Caetano:** Primeiro, a ideia que me surgiu para tentar me ingressar no mestrado foi através do meu sobrinho, Michael, da turma de 2013, que fez o processo seletivo e depois passou e começou a estudar no mestrado da Antropologia Social. Ele conversava comigo para eu fazer também a inscrição, para a gente fazer juntos, só que eu falei para ele "eu ainda não estou a fim de fazer, eu tenho que descansar um pouco, dentro de um ano aí eu posso pensar, para fazer o mestrado". Aí, quando passou o ano, eu fui procurar e ele falou comigo outra vez. Aí, falei para ele assim "agora eu vou fazer". Perguntei para ele como que se dá o início, o processo, a iniciação para fazer as provas, inscrições, documentações e tudo mais. Ele me contou que a *itsiwadi*<sup>7</sup> fez no início do ano (eu não perguntei a ela pessoalmente). Aí, ele citou para mim que a colega fez e passou, aí eu fiquei animado. Eu também quero fazer mestrado, porque ainda gosto de estudar, aprender, adquirir mais conhecimentos, o que eu não conhecia. Foi assim que eu comecei a dar início na caminhada para entrar no mestrado. E quando eu fiz a inscrição, depois fiz as provas, tudo correu bem. Eu considerava que eu iria passar sem preocupações de

---

<sup>7</sup> Na língua *A'uwê Uptabi*, a palavra significa "minha parente". No contexto, Caetano estava se referindo à Eneida. Muitos recursos das línguas xavante e xerente são intercompreensíveis, razão pela qual Caetano assim se refere à colega de mestrado.

fazer as provas. Então, foi assim que eu entrei no mestrado e agora estou em processo de chegar até o fim. Espero concluir bem o mestrado.

**André:** Certo, Caetano. Então, foi por influência, por inspiração, do seu sobrinho que fez na Antropologia Social, mas, de alguma forma, isso já te interessava? Fazer mestrado já te interessava? Na sua cabeça, no seu coração, por que que seria bom fazer mestrado?

**Caetano:** É, eu já tinha, assim, ideia de algum momento fazer o mestrado, depois de concluir a graduação. Eu já tinha uma ideia de seguir. Enquanto eu estou, assim, a fim de conhecer mais o mundo não indígena e foi assim que eu pensava. E o que me interessou, esse curso do mestrado, eu escolhi para fazer o curso de linguagem, já pensando no futuro, quando terminar esse curso de mestrado, eu posso trabalhar e produzir principalmente a escrita da nossa língua, porque a nova geração de hoje, mesmo sendo falante nativa, não consegue escrever a sua língua, a sua palavra. Então, isso me deu força para eu entrar e cursar o mestrado, para aprender e adquirir mais conhecimentos, como que se relacionam as palavras, as línguas. Então, foi assim que eu entrei, já pensando nisso, para depois trabalhar com o meu povo, principalmente, do meu território, mas futuramente, assim que houver produções de materiais, outras terras indígenas Xavante possam conhecer o meu trabalho com a nossa língua.

**André:** Certo. Então, é um interesse que diz respeito também ao interesse do seu povo, não é, Caetano? Não é um projeto que é só seu. É pensado também para o povo Xavante.

**Caetano:** Sim, para futuras gerações, para que possam encontrar já material produzido, por minha autoria.

**André:** Bacana! Eneida, e para você, como foi esse momento antes do mestrado? Quais eram suas expectativas, seu interesse, por que é que você tomou a decisão "quero fazer mestrado"?

**Eneida:** Então, o meu pensamento, desde o primeiro pensamento, eu, como mulher indígena, até eu coloquei lá nas minhas escrevivências<sup>8</sup>, eu sempre quis estudar. Sempre quem saía eram os homens para estudar. Quem saía para trabalhar fora da aldeia eram os homens e a minha mãe foi a minha referência, por mais que ela teve filho muito cedo, comigo, ela sempre mostrou que a gente tinha que estudar, para ser ouvida, para dizer que somos o que quisermos ser. Então, eu estudei. Eu estudei aqui na aldeia, eu estudei na cidade, no município de Tocantínia e terminei meu ensino básico no Centro de Ensino Médio Indígena (Cemix Warã) e, em 2012, saiu a seleção para fazer na Intercultural. Aí, eu e minha mãe passamos nessa prova. Então, eu fui. Eu

---

<sup>8</sup> Esta é uma expressão que repercute e se inspira na elaboração de Conceição Evaristo (2007) e sua experiência com a escrita a partir de suas vivências de mulher negra e periférica. Neste diálogo, Eneida se refere à sua própria escrevivência que constitui a sua dissertação de mestrado, intitulada *Letramentos do viver Akwẽ* (BRUPAHI XERENTE, 2022), para a qual a leitura do pensamento de Conceição Evaristo foi muito importante.

fui com a timidez, uma mulher indígena, uma mulher estudante indígena, com o pensamento de escrever... porque quando a gente vai para a sala de aula, a gente quer escrever bem, falar bem. Mas esse é o nosso pensamento, porque a gente pensa que lá na frente vai ser tudo perfeito. Hoje, eu penso que tudo que nós estudamos, as coisas que nós aprendemos é para contribuir, não para ser perfeito, como sonhamos. Então, quando terminei minha graduação, meu pensamento era sempre subir mais um degrau, não para ter o título, pensando só no título, mas, sim, eu quero ser ouvida, eu quero ser respeitada. Eu quero manifestar quem eu sou e o que eu quero ser. Então, quando eu fiz a seleção de mestrado, eu fui em Goiânia. Eu tive que fazer esse processo mais perto e eu tive uma grande parceira, que é a professora Líbia, a professora Suety Líbia. Então, ela é minha parceira, assim, ela me ajuda bastante, contribuição que para mim foi fundamental, que até hoje tenho o meu agradecimento singelo. A gente ficou trabalhando muito nesse projeto. Ela leu o texto para mim e na semana, quando o senhor me deu aquele montão de livros, para mim foi um susto, mas eu tinha que fazer isso, se eu queria entrar no mestrado, eu tinha que fazer tudo isso, como manda o figurino, como manda o sistema. Então, eu tive o pensamento de querer, de estudar, de aprofundar meu conhecimento. E eu vi tantos textos da Angela Kleiman que também contribuiu bastante. A leitura que eu fiz, que eu coloquei nas fundamentações teóricas, para mim também foi fundamental mesmo<sup>9</sup>. Assim, até hoje eu leio esse livro. Então, quando eu passei na seleção do mestrado, eu tinha esse pensamento de estar numa sala de aula com os colegas e as colegas, com o professor administrando a aula, professor fazendo chamada na universidade. Eu sonhei com isso. E no mês de março, para o início das aulas presenciais, eu mandei áudio para a professora Mônica e ela me disse "Eneida, você tem que aguardar, porque a reitoria vai dar a palavra ainda e a gente está aguardando". E saiu a palavra dele que era para ser não presencial naquele momento. E, aí, eu fiquei, com essa pandemia, morte, tanta morte ao mesmo tempo de pessoas no mundo, nós ficamos em casa. Nós temos, algumas vezes, encontro com o professor mesmo. Quando o professor me mandou o *link* para um aplicativo todo em inglês, para mim foi um choque<sup>10</sup>. Numa tarde, nossa! Eu estava sentada, na minha casa, quando o professor "Eneida, eu vou te mandar esse e é todo em inglês, mas você vai apertar aqui e vamos lá". Então, lá nos meus textos, eu coloquei aquele

---

<sup>9</sup> Eneida se refere aos livros indicados como bibliografia recomendada para a prova teórica da seleção de mestrado e, mais especificamente, ao texto de Angela Kleiman (1995), utilizado como referência para seu projeto de mestrado.

<sup>10</sup> Eneida se refere a um aplicativo que serviria para mediar por meio de vídeo conferência nossas reuniões de orientação. Mais do que isso, se refere a um momento de muitas incertezas, mas de muito aprendizado conjunto, como no caso do uso de tecnologias de comunicação, até então, pouco usadas ou mesmo desconhecidas por nós três.

aplicativo como relíquia, porque aquele foi o primeiro aplicativo que o professor me mandou e que a gente conseguiu se conectar à distância, no modo virtual. Ao mesmo tempo, eu queria mostrar o meu cenário. Eu estou falando da aldeia. Eu estou falando da minha casa. Tanto é que tem vários cenários de sala de aula da minha casa, debaixo do pé de pequi, que é outra casinha. Eu queria mostrar a minha realidade, onde eu estou falando, onde eu estou vendo os colegas no seu mundo-lugar. Eu estou me conectando com pessoas diferentes, mas ao mesmo tempo com as mesmas situações no seu mundo. Num primeiro momento, eu me violentei bastante, sabe? Porque, eu tinha dificuldade nessa questão de tecnologia. Tanto é que eu estudei muito tempo só com o celular. E quando eu tive computador, para mim também foi outro processo de aprender. Eu tive que aprender a escrever num computador, porque eu já estava tão acostumada a escrever no celular, que eu tive que reaprender a escrever no computador, por mais que eu fiz o técnico de informática, o meu conhecimento ficou parado. Então, eu tive que refazer, reaprender a usar a tecnologia. Tanto é que eu tenho dificuldade ainda. E quando eu penso sobre o mestrado e a pandemia, eu fiquei com o pensamento que eu ia para a cidade grande e eu estava com o pensamento de voltar só quando terminasse meu mestrado. Aí, minha mãe teve covid, meu irmão teve covid. Eu perdi o meu irmãozinho nessa pandemia e ainda minha mãe teve vários problemas de saúde muito sérios. Por incrível que pareça, eu dou graças de eu ter ficado na minha casa, ter essa oportunidade de cuidar da minha mãe e do meu irmão, que teve covid e foi muito sério. Quem vê, quem viveu a experiência sabe como é difícil. Então, é um ponto negativo, mas também, ao mesmo tempo, é um ponto positivo. Eu estou com minha família, eu estou em casa. Os mais distantes se tornaram mais próximos. Os mais calados, às vezes lá no fundo da sala, foram ouvidos. Mas também algumas pessoas foram mais caladas ainda, silenciadas, por muitas razões. Eu me lembro quando, na disciplina do professor, acho que uma aluna falou que ela é muito tímida e realmente a gente não ouvia ela, mas no final ela falou que ela é muito tímida. E outra falou que ela se tornou mais burra, por mais que ela estudou, mas parece que ela sente que não aprendeu nada. Sim! Em algum momento, a gente sente esse pensamento de a gente se autoviolentar. A gente não reconhece que estamos no mundo da pandemia, que estamos com falta de conexão, falta de tanta coisa, para a gente se mover, se locomover, para a gente falar, dizer... E a gente se violenta. Eu já fiz isso. Eu já me autoviolentei, de produzir menos, não falar mais, às vezes não falar mais e ouvir mais. E a gente tem que ter esse cuidado. Eu estou falando isso por experiência própria. Eu descobri isso, que

eu estava me autoviolentando nas oficinas de letramento<sup>11</sup>, que é onde eu falava mais das minhas vivências, das minhas produções, o que eu produzia mais e porque naquele momento eu estava produzindo menos. E quando eu falava das minhas vivências, dos meus acontecimentos, e eu falando de mim, de me autocriticar, isso me fazia mal, porque o meu processo de aprendizagem é diferente das outras, não vai ser igual. Então, eu estava querendo espremer muito para produzir mais e eu estava me bloqueando cada vez mais. Eu não estava produzindo. Eu não estava criando, eu não estava pensando. Mas quando, em algum momento, quando o professor administrava aula, por exemplo, do Davi Kopenawa<sup>12</sup>, nossa! Me trouxe uma inspiração enorme, para eu falar da minha vida, para eu falar da minha infância, falar de mim. Parece que abriu minha mente. E da Analu<sup>13</sup>... A Analu sem nenhuma, assim, regra e tabu colocou as produções da rua, as suas escrevivências de baile *funk*, de *hip hop*. Para mim, aquilo lá, abriu a minha vontade de escrever sobre quem eu sou, sem ter medo de errar. E da Conceição Evaristo, da simplicidade de um graveto que fez um papel fundamental para ela fazer aquele grande desenho de sol. Ah! Aquilo para mim... a simplicidade me encanta, de falar de mim, de quem eu sou, das minhas práticas coletivas como mulher indígena, do letramento do fazer *Akwẽ*. Então, para mim, aqueles são textos que me marcaram bastante. Me trouxe inspiração, me trouxe gás a mais, energia a mais. E quando a gente debateu o do Gilson<sup>14</sup>, a dissertação dele, para mim, aquela sensibilidade de agradecimento aos anciãos é o pensamento de indígena, porque aquilo trouxe as pessoas que estão lá na sua aldeia, as pessoas que tiraram foto para ele, as pessoas que contribuíram com a palavra. Eu sinto esse pensamento. Eu falo da minha comunidade, falo do meu povo. Assim, eu tenho esse pensamento como indígena. Talvez eu tenha mais essa sensibilidade de falar deles. Não sei se é parte emocional, por ser mulher, mas eu falo deles. E quando a gente estava discutindo o texto dele, para mim, aquilo também trouxe a sensibilidade de ser indígena, de agradecimento, de falar deles, falar da nossa família, porque falar deles nos traz boas energias positivas, de a gente crescer na vida, de a gente caminhar, de

---

<sup>11</sup> As oficinas de letramento às quais se refere Eneida constituem-se de atividades de suporte pedagógico-terapêutico voltadas para práticas de letramento acadêmico não violentas e culturalmente sensíveis. Planejadas e implementadas por Suety Líbia Alves Borges, constituem material empírico para sua pesquisa de doutorado, intitulada *Letramento, gênero e raça na trajetória acadêmica de uma indígena mulher Akwẽ* (BORGES, 2022).

<sup>12</sup> Eneida se refere à leitura de capítulos do livro de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert (2015), durante a disciplina *Tópicos em aspectos socioculturais da linguagem*, ministrada por mim, em 2020.

<sup>13</sup> Aqui, Eneida se refere ao trabalho de Ana Lúcia Silva Souza (2011), debatido durante a disciplina *Tópicos em aspectos socioculturais da linguagem*. Durante a disciplina, Eneida pode assistir a uma mesa redonda em que Ana Lúcia era assim apresentada, na ocasião do lançamento do livro de Suety Líbia Alves Borges (2020). “Analu” materializa a proximidade estabelecida por Eneida com Ana Lúcia Souza, especialmente através da ideia de “letramentos de reexistência”.

<sup>14</sup> Eneida faz referência à dissertação de mestrado de Gilson Ipaxi’awyga Tapirapé (2020), lida durante a disciplina *Aspectos Interculturais da Linguagem*, também ministrada por mim, em 2021.

a gente não parar, de não parar de caminhar, mas sempre criando, produzindo, cada vez mais. Eu falo no meu texto que nós mulheres precisamos ser vento, não para derrubar os outros, mas, sim, para ir mais rápido, de maneira bem ágil. Eu falo isso no meu texto. Então eu já estou começando a falar... quase tudo que eu falei aqui, já está quase tudo escrito. Mas é isso. Meu pensamento de fazer mestrado é isso. Eu tenho várias colocações ainda, mas eu vou dar a palavra para vocês, porque eu já falei demais. Então, é um pouco das minhas vivências, das minhas experiências e o que eu quero viver daqui para a frente, nas minhas produções. É isso.

**André:** Bacana, Eneida! Você já abordou muitos pontos em que a gente vai voltar. Eu acho que a ideia da roda de conversa é essa, ir retomando pontos que são importantes nas trajetórias de vocês. Eu vou voltar um pouquinho nessa trajetória para entender melhor as razões, vamos dizer assim, dos projetos. Eu, particularmente, fiquei muito emocionado, muito lisonjeado, quando vocês, em momentos diferentes, foram me procurar para perguntar se eu toparia orientar vocês no mestrado. E coincidentemente, eu vejo um ponto comum, um ponto de intersecção no fato de vocês virem até mim e falar "professor, topa orientar meu trabalho, meu projeto é sobre isso". Coincidentemente, ou não, são projetos que estão relacionados a um tema contextual que a gente trabalhou juntos, em momentos diferentes, nas Ciências da Linguagem, que era Letramento cultural e intercultural. Eu me lembro que isso, de muitas formas, pelo menos vocês colocaram isso, foi importante para vocês definirem os temas dos projetos. Caetano falando sobre a história da escrita no povo Xavante e Eneida, o letramento do viver *Akwẽ*. Eu estou certo nessa minha interpretação? Esse tema contextual que a gente trabalhou lá na graduação, na Licenciatura, de fato, influenciou na escolha dos temas das pesquisas de vocês? Caetano, quer começar?

**Caetano:** Então, o que me chegou à razão para escolher esse tema do meu projeto de pesquisa, é porque ainda eu não vi em nenhum lugar a história da escrita, como que entrou a escrita para o povo Xavante e para as terras xavante. Então, nisso, eu formei essa ideia, para pesquisar essa escrita, a entrada da escrita para o povo Xavante e, em especial, para a comunidade da Terra Indígena São Marcos, na qual eu moro. Então, foi assim que eu pensei para fazer pesquisa sobre isso, para que as novas gerações possam saber e conhecer o início da aprendizagem da escrita do não indígena e do indígena, a sua própria palavra. Foi assim que eu comecei a buscar essa pesquisa, para o meu projeto. Porque na graduação, quando o senhor dava aula para nós, de Português Intercultural, ouvi a primeira vez a palavra "letramento". Então, muitas coisas surgiram, além dessa palavra "letramento", surgiram outras palavras que eu ainda não conseguia entender e compreender. Mas, durante esses cursos que eu estava fazendo no mestrado, percebi

que tudo que a gente ouviu e viu fora da Terra Indígena acontece também na nossa língua. A gente pensava que é diferente do nosso conhecimento, o conhecimento não indígena, mas é a mesma coisa, só que a gente tem que buscar, se aprofundar mais no conhecimento não indígena para depois procurar pesquisar o que tem dentro do seu povo, línguas, culturas e tudo mais. Então, foi assim que eu escolhi esse projeto, para trazer a história para as novas gerações e para os não indígenas também.

**André:** Beleza, Caetano! Eneida?

**Eneida:** É, professor, eu pensava que eu não iria falar disso mais, mas é, realmente, quando eu estava na Intercultural, realmente, eu conheci o senhor numa sala de aula. Até hoje eu me lembro que me fez desenhar uma pintura do *Akwẽ*, do clã, e o senhor estava administrando a aula sobre o que era letramento do homem branco. O que que era informação, o quê que te ensinava. E o senhor estava falando de umas placas nas ruas e eu com aquele pensamento de ser indígena. Não existe placa numa aldeia, mas existe a referência em que a gente pode se orientar, que nos ensina algo, como indígena. Na minha aldeia não tem isso, mas existem outros sinais, outros acontecimentos que me dão informação. Aí, eu tive esse pensamento de letramento do *Akwẽ*. Se letramento é tudo o que te ensina, que te move, que te orienta, na minha comunidade isso não está escrito, mas acontece essa informação. E eu não me lembro agora qual o autor indígena que o senhor estava nos mostrando o texto, mas aquilo lá para mim significou "olha, Eneida, você está no caminho certo!". E eu fui com esse pensamento, de criar, de ter mais visão, uma visão mais ampla com esse pensamento de letramento. Então, foi a minha interpretação em relação a esses ensinamentos, conhecimentos que eu vi, que eu ouvi, eu entendi que letramento é aquilo que te ensina, aquilo que te baseia, aquilo que te orienta, porque, nas culturas indígenas, letramento não tem nem cem anos ainda, como no caso do português, que tem muito mais. Mas aconteceu na base da oralidade, no fazer do agora, no ensinamento do ver, porque têm coisas que você tem que ver, têm coisas que você tem que ver e ouvir e têm coisas que você tem que sentir. Tem o sentimento indígena de você adquirir esse conhecimento. A Angela Kleiman diz que agência de letramento é a igreja, o lugar de trabalho, se não me engano. E agência de letramento nas comunidades indígenas é na pescaria, na caçada, nas matas, quando as mulheres e os homens pegam a lenha. E na estrada, quando você deixa um pouco de lenha, você tem que ter referência para voltar. Você não vai achar uma placa para te ensinar, mas você pode fazer a descrição que você deixou próximo de uma árvore tal, de uma serra tal, você pode atravessar o rio e chegar lá. Então, me trouxe esse pensamento. E, depois que eu tive essas aulas, que o professor mostrou vários textos da literatura indígena e de outros

autores que são não indígenas, me abriu a mente cada vez mais para defender o que é letramento do viver *Akwẽ*, porque tem várias concepções, vários tipos de letramento que no decorrer dessas aulas eu vi, eu descobri que existem vários tipos de letramento, na visão do branco, na concepção deles, no mundo que eles estudaram e, então, eu tenho que falar disso. Então, como eu escolhi para ser meu orientador, nossa! Assim, eu pensei, ele tem que ser meu orientador. Como se fosse exigindo, mas não é. Mas é com muito carinho que eu escolhi o senhor para ser meu orientador, porque foi onde eu vi, onde eu descobri o que é letramento, onde me fez sentir esse pensamento, de fazer sobre, de viver isso, numa sala de aula. Até hoje eu me lembro, eu falei um pouco da minha experiência, quando eu estudei na cidade. Eu me lembro super bem e a Wakedi estava falando da experiência dela, como ela aprendeu o português. O senhor só nos olhando, ouvindo nossos relatos falando um pouco da nossa experiência na sala de aula na escola do branco, o branco nos ensinando. E lá no texto eu disse que eu fui alfabetizada na língua estranha, na língua estrangeira, que é o português. Hoje, tem o nome de bullying, lá atrás não se dizia assim. Eu ouvia tanta barbaridade, que os indígenas eram comedores de manga, os indígenas eram tal, eram isso... E na hora das apresentações dos seminários você era zombada porque “você não falava direito”, “você não falava certo”, até porque na minha língua não tinha gênero, mas no português eu tinha que falar isso. Como que uma adolescente de dezesseis anos vai dizer, se na língua nativa dele ou dela não tem essa classificação de gênero. Claro que vai falar, para eles, “errado”, para nós, não. Porque, no fundo, não era para ser estranho, porque é uma comunidade bem próxima da nossa aldeia, que poderia muito bem nos entender, que somos de uma língua diferente, com organização totalmente diferente. Mas, não, a gente foi zombada. Era para nos calar, para a gente parar por ali, mas eu não fiz isso. E hoje eu estou falando disso. Então, eu estou falando disso agora. Eu sou igual anciã, começo uma história aqui, começo e termino lá e volto para a daqui. Mas esse foi o meu pensamento. Através dessa aula, através da sua pessoa falar do letramento, da visão do branco, me fez ter esse pensamento, que até hoje eu defendo. Eu, usando a tua fala, eu defendo até debaixo do rio Araguaia. No meu caso, é rio Tocantins. É isso que eu falo. Qualquer coisa, eu posso acrescentar mais. É isso.

**André:** Bacana, Eneida! Eu vejo a riqueza do curso de Educação Intercultural, que me comove, que me motiva, que me emociona a cada começo de etapa. A beleza dessa experiência toda é que a gente constrói muita coisa juntos. Eu me lembro muito bem, no trabalho com a sua turma, mas também em outras turmas, que a gente chegava para discutir letramento cultural e intercultural, eu, pelo menos, sem ter muita ideia do que era isso. “Meu Deus, o que é letramento cultural?” Porque eu fui formado, assim... não me considero um especialista no assunto, mas,

sim, alguém que estuda sobre, sobre letramento, obviamente, a partir das concepções ocidentais, do pensamento não indígena sobre letramento. E a Educação Intercultural nos coloca esse desafio constantemente. Claro, agora a gente está num diálogo intercultural, num diálogo interepistêmico. E minha preocupação era sobre como isso iria fazer sentido para vocês, professoras e professores indígenas. E a beleza desses momentos é que a gente ia aprendendo juntos. Eu apresentava visões básicas do que é letramento para o não indígena, esperando muito que vocês próprias construíssem, ou alargassem, essa ideia, de modo a caberem as experiências de vocês também, de vocês indígenas, de suas comunidades e seus povos, que estão imersos num mundo de letramento que parte da escrita, que a escrita é central, mas vocês mostraram que isso pode ir muito além. Essa concepção que a Eneida está construindo, de letramento do fazer *Akwẽ*, é bastante provocativa para essas relações interculturais e interepistêmicas, porque de muitas formas mostra limites das concepções ocidentais. “Olha, letramento para vocês pode ser isso, mas para caber meu mundo aí, a gente tem que espichar esses limites. A gente tem que mudar algumas coisas, para que a experiência do meu povo possa dialogar com esse conceito”. Eu fiquei muito surpreso e muito satisfeito também, quando anos depois, você volta com o seu projeto de mestrado, trazendo essa ideia, porque eu aprendi muito durante aqueles temas, até encontrei fotos daquelas aulas, das apresentações de vocês, e me fez lembrar disso tudo, porque isso também ficou para mim. Continua sendo um desafio isso. “O que é letramento cultural, o que é letramento intercultural? Por que chamar isso de letramento, se a gente pode pensar em outras categorias?”. Mas, como você mostra, o diálogo interepistêmico é isso, “você está me apresentando uma concepção, um conceito, mas que para dialogar com o meu mundo, com a minha cosmovisão, com as minhas práticas, a gente precisa ampliar, no mínimo”. E essa ousadia que você tem de repensar a ideia de letramento, para mim, é muito gratificante, porque eu vejo a importância do curso de Licenciatura Intercultural na construção dessa autonomia de pensamento. De vocês se sentirem livres, autônomas, com capacidade de fazer o pensamento, a nossa compreensão sobre linguagem, de maneira geral, avançar. E isso foi uma das coisas bem bacanas de ver nos projetos de vocês. De como as nossas aulas, lá na licenciatura intercultural fizeram sentido, ou pelo menos deixaram alguns pontos de dúvida que serviram de motivação para vocês continuarem nos estudos, nas pesquisas. E continuo sendo desafiado. A ideia do letramento *Akwẽ*, para mim, continua sendo uma grande provocação, Eneida.

**Eneida:** É verdade! E vai provocar muita gente ainda.

**André:** Sim! E a gente está aqui para isso.

**Eneida:** Porque a sociedade branca já está tão acostumada com a questão da padronização, tudo tão certinho, no seu devido lugar, na sua maneira tão padronizada... E, realmente, vai provocar isso, ainda. Igual as minhas andanças no mundo do branco, na estrada do caminho do branco, porque isso não vai acabar. Não tem fim, sabe? Essa opressão, discriminação, essa é a verdadeira realidade que ainda vivemos, em pleno século XXI.

**André:** Como eu disse, eu me sinto muito lisonjeado. Acho que qualquer professor ou qualquer professora vai se sentir lisonjeado quando vir que seu trabalho fez sentido, que você deixou inspiração ou motivação para que um aluna, para que um aluno, continuasse suas reflexões independente do próprio professor. Nosso tema lá, Letramento cultural e intercultural, se encerrou, mas você continuou pensando sobre isso e foi muito além e tem continuado essa reflexão. Eu acho que esse é um grande ganho para a Educação Intercultural, mas, pessoalmente, para mim é uma honra saber disso, de que a nossa reflexão coletiva, ali naquele momento, te inspirou a seguir. E falando sobre a seleção, eu acho esse um ponto importante também. Vocês já mencionaram alguns pontos, como a documentação, a burocracia, o próprio Casle. A Eneida mencionou que teve que passar pelo processo do Casle e acho que Caetano também, não é, Caetano?

**Caetano:** Sim, também.

**André:** No caso de vocês, seria para atestar a proficiência em língua portuguesa. Vocês fizeram o Casle de língua portuguesa, não foi isso?

**Caetano:** Foi.

**Eneida:** Foi, sim.

**André:** E o que vocês acharam dessa experiência? Como vocês avaliam fazer uma prova de português, como indígenas que estão querendo entrar no mestrado?

**Caetano:** Professor, eu avalio assim, a língua portuguesa é como se fosse, para nós indígenas, uma língua estrangeira. Então, o que eu percebi, assim, foi que o Casle quer procurar saber da pessoa se tem o conhecimento básico para seguir quando for ultrapassar esta seleção. Acho que é isso que eles querem saber e ver com a gente, com nós indígenas, ou também não indígenas.

**André:** E você, Caetano, como foi essa prova para você? Você achou que foi uma prova difícil, foi tranquilo fazer uma prova de português?

**Caetano:** Não! Eu tive um pouco de dificuldade, de entender o que se pede no texto. Mas como eu já tenho, assim, experiência e um pouco de conhecimento das línguas, da língua portuguesa, principalmente, do significado, do seu sentido, de como fazer, então, para mim não foi muito

difícil, não. Eu achei, assim, um pouco difícil, mas dá para entender o que se pede para fazer. Então, foi assim que eu percebi essa avaliação do Casle, que colocam para a gente.

**André:** E para você, Eneida?

**Eneida:** Então, eu queria seguir esse protocolo e eu fiz a prova do Casle, que é assim, é uma interpretação, como se fosse a prova do Enem, sabe? Não vou dizer que é uma prova fácil, porque não foi, porque exigiu várias interpretações e respostas escritas. Tem que estudar, porque se não estudar, não vai conseguir alcançar 8.1, como eu alcancei, porque eu tive que estudar bastante. Eu tive que baixar as provas anteriores do Casle para ter noção de como era. Igual eu fiz com o edital anterior da seleção de mestrado. Eu fiz isso. Eu baixei todos os editais, que era para fazer naquela época, para ter noção. E eu fiz tudo isso também no Casle. Baixei todas as provas anteriores para ter noção como era. Assim, eu não vou dizer que foi fácil, porque eu tive que estudar mesmo e fazer vários processos na questão de estudo, na questão da interpretação, na questão de responder, na questão de seguir o português padrão, essas coisas... Para mim, como indígena, não foi fácil, mas também não foi impossível. Eu consegui 8.1, porque eu estudei bastante. Então, para mim não foi fácil. Além de você fazer o deslocamento que gera custo, que gera tanta coisa, ainda a questão burocrática, então, não foi simples, porque a gente tem que gastar dinheiro para se manter lá, para sair daqui, para se manter e sair de lá e além das provas, gera custo, gera tanta coisa. Você tem que ter cabeça para isso, você tem que ter noção do que é. Então, para mim, não foi tão simples assim, porque eu tive que sair dali, eu tive que ficar na casa de alguém. Eu tive que emprestar dinheiro de alguém. Para mim, foi desse jeito.

**André:** Eu imagino. E, além dessas dimensões práticas, da vida real, de questões materiais, de recursos, de deslocamento, de sair da sua aldeia para uma cidade distante para fazer essa prova, tem uma dimensão que me parece importante também, que é de concepção. Você falou de língua padrão. Na Educação Intercultural, a gente não opera muito, não trabalha muito com essa ideia de português padrão. Não sei se você tem essa percepção, da diferença que foi a prova do Casle para as atividades que a gente fazia na educação intercultural, que tem uma concepção de português intercultural e não de português padrão.

**Eneida:** E a gente não é da Faculdade de Letras. A gente é da Licenciatura em Educação Intercultural. Isso também provoca um estranhamento quando chegamos nesse contexto do português padrão. E a gente não conviveu com isso. Na Intercultural é totalmente diferente. Você ser livre para escrever, você ser livre para falar. No meu texto, eu disse que lá encontramos pessoas com os ouvidos sensíveis para nos ouvir. Lá na Intercultural, nós vivemos isso. E

quando você sai de lá e você pega outra esquina, é totalmente diferente. É tudo padronizado. Você tem que saber lidar com isso. A cabeça fica a mil e as pessoas lá nos corredores da Letras te perguntando "onde você terminou a graduação? De onde você é? Em que mundo você vive?", porque quando te perguntam "você é índia? O que você estuda? De onde você veio?", sabe? É tanta informação para você lidar, que se você não for uma mente forte, você não vai seguir em frente, sabe? Além de o sistema te cobrar, na questão de padrões, você tem que se deparar com isso. E assim eu vivi na universidade quando eu entrei. Quando eu fiz a prova do Casle, quando eu fiz a prova da seleção, as pessoas, os alunos e os professores me perguntando. E eu tive que responder "eu não sou da Letras, mas eu quero estar na Letras, por isso eu estou fazendo essa prova".

**André:** E tem o direito de estar na Letras, não é?

**Eneida:** Pois é. É isso.

**André:** E em relação à elaboração do projeto? Porque também é uma coisa que é padronizada. Lá na página, no edital, tem um modelo de projeto para ser seguido. Como que foi elaborar o projeto para mandar a inscrição? Vocês tiveram algum contato na graduação com o modelo, com o gênero projeto de pesquisa, mas isso chegou a ser suficiente, assim, para fazer o projeto para o mestrado? Quais foram os desafios que vocês enfrentaram para escrever o projeto para a seleção do mestrado? Tiveram dificuldades ou não foi tão difícil? Tiveram alguma colaboração que foi importante? Como foi esse processo de elaborar o projeto de pesquisa?

**Caetano:** Bom, professor, da minha parte, sobre quando eu elaborei o pré-projeto para o mestrado, na graduação, a gente trabalhou, durante o curso, sobre o planejamento de pesquisa. Então, é a mesma coisa o projeto do mestrado. E também como já estava trabalhando aqui na minha aldeia como professor, durante os estudos que eu aprendi, eu usei. Com isso, eu não encontrei muita dificuldade na elaboração do meu projeto, porque já tivemos também o modelo que já praticamos na Educação Intercultural, sobre como se faz o projeto, o projeto na educação, o projeto também na agricultura. Só muda um pouco das coisas, de acordo com o seu modo de fazer. Então, eu não encontrei muita dificuldade com a elaboração do meu projeto.

**André:** Certo, Caetano. Eneida?

**Eneida:** Ah, que bom que não encontrou muitas dificuldades, porque eu encontrei, porque aquilo que eu vi na Intercultural, para mim, não foi suficiente na questão da padronização do projeto. Seu eu tive contato com a questão de como é feito, como deve ser feito o projeto, não foi suficiente para eu elaborar um projeto daquele jeito, sabe? Realmente, eu tive uma contribuição enorme da professora Suety, porque antes disso, ela era professora do comitê, junto

com a professora Léia e com a saída da professora Léia, ela ficou no lugar dela e aí a gente teve bastante contato. Antes disso, a gente já estava trabalhando com o projeto de cartografia social, dentro do projeto do PIBID. Isso contribuiu bastante também. E, aí, eu tive que pedir ajuda para ela também, humildemente, de ela poder contribuir com o meu projeto. Então, ela foi, assim, até hoje ela está sendo parceira para mim, na questão da escrita, na questão da elaboração do projeto, porque ela tem os conhecimentos técnicos e eu entro com a informação bruta, da minha realidade, do meu povo. Ela contribuiu com a informação técnica, dentro do conhecimento dela. Então, para mim, não foi simples assim a questão da elaboração do projeto para o mestrado. Não foi. Se eu tive contato com como é que se faz o projeto, para mim não foi suficiente, para fazer projeto daquele nível, para o mestrado. Assim, não foi tão simples assim.

**André:** Entendi. Parece que há uma diferença de concepção, de práticas mesmo, da Educação Intercultural, que é um curso pensado desde o começo para a interculturalidade. A pós-graduação já não é. Não sei se vocês concordam com essa interpretação. A Educação Intercultural é mais sensível à diferença cultural e está disposta a esse diálogo.

**Eneida:** É. É mais flexível. A intercultural, para mim, entra com essa flexibilidade, com a questão de se colocar no lugar do aluno, sabe? Ter esse cuidado com os alunos indígenas. Talvez por as pessoas envolvidas ter um conhecimento da realidade dos indígenas, de alguns indígenas, isso eu posso dizer assim. E eu acho que tem esse cuidado. A Faculdade de Letras não tem esse cuidado, talvez por não ter esse conhecimento. Talvez porque não quer ter esse conhecimento, porque poderia ter essa flexibilidade, de lidar com pessoas diferentes, de lugares diferentes, do seu mundo diferente, da cosmovisão totalmente diferente da Faculdade. Porque, de todo jeito, a Faculdade vai ter que receber indígena. Vai ter que receber indígena. Então, tem que ter esse cuidado. Para mim, tem que ter essa flexibilidade em relação a isso, do ponto de vista de ter esse cuidado com os alunos. Não só com os alunos indígenas, mas com quilombolas também. A realidade deles é totalmente diferente, de lugares diferentes, o modo de vida diferente. Lá nos nossos encontros de aula, a gente viu que o diálogo também coloniza as pessoas. Imagina o sistema. O sistema com o tabu deles coloniza a gente. Se a gente não tem cuidado, a gente vai ser colonizado igual outras pessoas que vieram na frente, que sofreram isso e a gente pode passar por isso também. Então, assim, eu falando do meu projeto, tem coisas que a gente tem que seguir, tem coisas que realmente a gente tem que seguir o protocolo, mas tem coisas que a gente tem que ser quem somos. Por exemplo, nós indígenas levando o nosso conhecimento para dentro da universidade. É o nosso conhecimento! É o conhecimento coletivo de um grupo, de um povo. Por exemplo, quando escrevemos um projeto padrão, a nossa escrivência não vai

ser igual do branco. Por exemplo, nos nossos encontros de oficina, a gente debate isso. Por exemplo, quando eu faço a tradução de um texto é totalmente diferente de quando eu traduzo para o *Akwẽ*. E quando eu escrevo, eu escrevo às vezes com o significado do *Akwẽ*, e no português padrão não existe isso. É coisa que há um estranhamento, há um limite para seguir. Tem um limite para ser respeitado, para ser seguido. Então, durante esses encontros nossos, eu estou aprendendo isso. Eu estou lidando com isso.

**André:** Eu imagino, Eneida, que esse estranhamento também tenha ocorrido nas provas, na prova teórica e na entrevista. Como que foi para vocês esse processo de fazer uma prova teórica, de uma teoria não indígena. Porque eu me lembro da bibliografia e o montão de livro que você falou é das referências bibliográficas exigidas. Não tem nenhum autor indígena ali, se bem me lembro. Então, esse estranhamento também deve ter acontecido na prova de teoria da linguagem. Não sei, nas entrevistas. Como foi, nesse sentido, o diálogo ou o não diálogo intercultural?

**Eneida:** Até mesmo nas entrevistas. Na questão da prova oral, quando eu estava falando do meu projeto, como eu desenvolvi, porque eu fiz isso, porque eu comecei assim, o meu português parece que a moça não estava entendendo. Tanto é que ela me fez a pergunta de novo, "e como você vai estudar isso? como que você vai ter essa visão?". Aí, eu disse, até hoje eu me lembro que, "você é do seu mundo, que é branco, e eu vivo no meu mundo, como indígena. Eu vivo esse conhecimento desde a minha existência como indígena. Então, esse conhecimento coletivo vai me ajudar bastante na questão da coleta de dados, na questão de quando eu escrever sobre". "Mas, como é que você vai ver isso? Como é que você vai documentar isso?", "Uai, dentro do meu conhecimento. Eu sei que eu tenho que colocar de forma escrita, que não vai ter mais a emoção da oralidade, porque o meu conhecimento é repassado, desde que eu me vejo como indígena, é pela oralidade. E não vai ter a mesma emoção quando eu escrever isso. Talvez eu vou ter essa dificuldade". Então, até na hora de a gente se expressar, às vezes não está de acordo com o português padrão e às vezes isso não é levado em consideração, porque você é indígena. Imagina na hora da escrita. Na hora da escrita é muito mais padrão ainda. De você escrever sobre, você tem que ter o cuidado de pontos de interrogações, pontos finais e eu tenho muita dificuldade em relação a isso. Eu tenho muita dificuldade na questão do gênero.

**André:** E para você, Caetano, como foi a prova teórica da seleção? E as entrevistas, o que você achou desse processo?

**Caetano:** Bom, da minha parte, com relação à prova teórica, eu sempre me esforçava para colocar as ideias, as minhas ideias, assim, com muita clareza e com sentido e com objetivo.

Então, foi assim que eu fiz a prova teórica. E a entrevista, eu não me lembro quais as questões, as perguntas que me fizeram para responder, mas como eu já tenho, assim, experiência e conhecimento e um pouco de entendimento dos significados, das palavras, eu respondi, assim, com muita sinceridade e abertamente. E a minha entrevista, quando eu fiz para a parte do processo para me ingressar no mestrado, eu respondi com objetivo as perguntas que me fizeram. Foi assim que eu fiz a entrevista.

**André:** Para a gente fechar essa parte de antes de entrar no mestrado, na visão de vocês, o que poderia, o que deveria mudar no processo de seleção, para que ele se torne mais intercultural? Para que respeite mais os conhecimentos, as línguas, as experiências indígenas? O que, na visão de vocês, vocês tendo passado por esse processo, o que poderia se transformar, o que poderia mudar para que o processo seletivo se torne mais intercultural?

**Caetano:** Para mim, o que eu acho, mudar o processo seletivo para o mestrado, como todos os indígenas de outros povos estão querendo se aprofundar mais no conhecimento ocidental, então, para que haja isso, deveria ter, assim, a seleção de mestrado para os indígenas deveria ter elaborado as perguntas na própria língua, para que futuramente não encontrem dificuldade, como a *itsiwadi* falou, que encontraram, outros povos que queriam entrar no mestrado, mas foi imposta essa dificuldade, a língua portuguesa. Então, para isso deveria ter uma questão na própria língua, aí ficaria depois um intérprete, que já se formou, para traduzir a fala do próprio povo, de quem se inscreveu para fazer a seleção. Então, isso que é a minha ideia, para mudar a entrada de indígenas para o mestrado.

**André:** Bacana, Caetano! E você, Eneida?

**Eneida:** Eu vou falar um pouco do que eu também deixei de falar, para falar disso agora, da questão do que pode mudar, o que pode ser feito. Quando eu fiz a prova de seleção, como a gente está fazendo a leitura de Magda Soares, de Angela Kleiman, lá no texto da fundamentação teórica, eu coloquei, que foi como água e óleo. Não teve uma mistura, não teve uma conexão. De muitos estudos, de muitas leituras, de muitas disciplinas que a gente fez, que eu estou tendo algumas compreensões, compreendo o mundo do branco, para comparar, não sei se é uma palavra certa... fazer uma comparação com o conhecimento indígena. Então, eu coloquei na fundamentação teórica isso, é tipo água e óleo, não teve uma interação. Então, o que pode ser mudado, que pode contribuir bastante na questão de um indígena fazer a seleção é ter os autores indígenas também. Trazer mais os sábios indígenas, através das literaturas, nas escrituras deles, que poderia ajudar bastante, porque a universidade não pode dizer que não tem escritores indígenas. Tem sim! Tem muitos. Tem muitos conhecimentos indígenas que são escritos, que

são livros, que são narrativas orais, de forma bem sábia, e a gente pode se conectar com esses autores indígenas, que pode ser menos invasivo. Trazer esses sábios, esses autores, pode contribuir bastante com o nosso bem-estar de ser indígena, para fortalecer mais a nossa luta, para fortalecer para a gente seguir mais. Porque, se esses autores indígenas, de onde eles estão, escreveram isso, eu consigo escrever também! Pode criar esse pensamento, pode te dar mais energia para você escrever como indígena, sem ter medo de escrever quem você é, de onde você é. Isso que Davi Kopenawa me trouxe, esse pensamento. A partir do momento que eu tive esse contato com os autores indígenas, me trouxe mais gás para falar quem eu sou, de onde eu sou. E essa seleção é uma porta para entrar na universidade, para o mestrado, para o doutorado, e até mesmo na graduação. E isso vai te fortalecer. E quando entramos numa porta e há uma coisa estranha demais, a gente se prende, a gente para, a gente se cala. Mas se a gente tiver na porta da entrada esses sábios, falando do seu povo, da sua comunidade, dos seus conhecimentos coletivos, isso vai fortalecer a sua entrada. Você vai querer entrar na universidade. Você vai querer crescer, só de ver. Ainda bem que o senhor trouxe vários autores indígenas que contribuíram bastante quando eu fiz essa leitura do Davi Kopenawa, de Munduruku<sup>15</sup>. Esses autores indígenas me trouxeram esse pensamento de indígena, de querer crescer, de falar, de não ser calada. Imagina se for nos lugares desses autores não indígenas... Eu sei que muita gente vai estranhar, mas se o estranho não ser visto de perto, ser ouvido, nunca vai deixar de ser estranho. Nós indígenas, o sistema nos vê assim. Mas se o sistema não nos conhecer, nunca vamos deixar de ser estranhos. E isso eu falo porque eu tive essa experiência.

**André:** É uma forma também de educar o não indígena para essas relações interculturais, porque se os estudantes não indígenas passam a ser também obrigados a ler autores e autoras indígenas, eles vão ter acesso a esses outros conhecimentos, da mesma forma com que vocês são obrigados a ler os autores não indígenas. Seria uma interculturalidade para todos e uma forma de diálogo interepistêmico, porque indígenas também pensam sobre a linguagem. Não são só os brancos.

**Eneida:** É o “civilizado” ser educado também, porque desde que nós tivemos contato com a escrita, com a sala de aula, nos diziam que nós podíamos ser civilizados e educados. E a gente foi obrigado a falar o português e aprendermos português e muitas coisas do homem branco. Então, em pleno século XXI, ainda é feito isso. Ainda somos impostos. Se cinquenta por cento são autores indígenas e cinquenta por cento autores não indígenas, isso ajudaria bastante em

---

<sup>15</sup> Eneida se refere, aqui, especificamente, ao texto Daniel Munduruku (2018), trabalhado na disciplina *Tópicos em aspectos socioculturais da linguagem*, já mencionada.

ambas as partes. Se a universidade tiver essa cabeça, vai ser cartão-postal, igual a Intercultural, hoje, serve como um cartão-postal, sabendo que lá no início, era vista de maneira diferente, era julgada de maneira diferente, que “aquilo lá não iria para a frente”, porque tudo que é voltado para indígena, o homem branco diz “isso aí não vai para a frente. Isso aí não vai tão longe”. É assim que eles falam e é assim que a gente ouve como indígena. Então, se a universidade fizer isso, vai ser muito bom, tanto para os indígenas como para a universidade. Essa é a minha visão. Esse é o meu ponto de vista, porque eu vivi essa realidade dentro da universidade, quando eu estudei a Angela Kleiman, Magda Soares, que para mim foi estranho demais. E, com o passar do tempo, nas disciplinas, eu conheci mais, passei a conhecer mais, a ler mais sobre o conhecimento delas. É isso.

**André:** Isso que vocês dois sugerem, a gente pode pensar que são estratégias para promover uma justiça epistemológica, de mostrar que existe conhecimento indígena, sempre existiu, e quem não quis ver foi a universidade.

**Eneida:** É verdade.

**André:** Agora, eu queria propor de a gente conversar mais sobre como está sendo a experiência já no mestrado. A partir de março de 2020, que foi quando vocês se matricularam e começaram a fazer o curso. Eu acho que é inevitável a gente falar também a crise planetária, a crise mundial, que aconteceu exatamente nesse momento, quando vocês começariam a estudar, a fazer o curso de mestrado na UFG. Caetano ainda chegou a ir para Goiânia, mas Eneida nem se quer chegou a viajar, porque coincidiu com este momento triste que a gente tem vivido desde fevereiro de 2020, que foi o começo da pandemia no Brasil. E eu imagino que esse tenha sido um ponto importante, uma situação importante nos rumos, nas trajetórias de vocês no mestrado. É um assunto difícil, eu sei, mas como de muitas formas interferiu no estudo de vocês, como mestranda e mestrando, eu gostaria que vocês falassem um pouco disso, de como a pandemia afetou os planos de vocês.

**Caetano:** Professor, eu vou começar, então. Quando eu fiz a minha inscrição para começar o curso no mestrado, em março de 2020, eu saí daqui da minha aldeia para Goiânia, já para ficar lá estudando. E já tinham falado que tinha chegado aqui no Brasil a covid, a pandemia. Mesmo assim, eu fui lá para Goiânia. A minha expectativa era, assim, conhecer outras pessoas, os colegas que ingressaram no mestrado, para a gente dialogar, discutir, com as coisas que eu precisava. Para aprender as coisas que eu ainda não conhecia. Mas, infelizmente, aconteceu a suspensão das aulas da universidade. Mesmo assim, eu não quis voltar aqui para a aldeia. Eu preferi ficar lá mesmo. Só que, assim, parado, numa casa, para não ser contaminado pela doença

da covid. Aí, eu permaneci dentro de casa mesmo. Só saía para comprar algumas coisas para os meus filhos. Eu fiquei lá, acho que três meses, nessa casa onde um senhor me acolheu. Não só ele que administra essa casa para alugar. Tem outra pessoa, uma mulher. Uma mulher que procurava as pessoas para alugar essa casa. E o valor era muito alto para mim, assim, ficar com a família. É muito alto. Aí, eu fui pensando, pensando, até que eu resolvi mudar. Aí, depois, eu procurei a casa no setor Itatiaia e o colega que se formou no mestrado me falou que uma senhora estava alugando a casa e que ela recebe com muito carinho as pessoas que chegam na casa dela. Aí, eu fui procurar ela e quando eu conheci, eu conversei com ela, olhei os quartos, o espaço e logo eu decidi ficar na casa dela, no quarto que ela me arrumou. Aí, eu comecei a ficar lá mesmo, até que começassem as aulas online. Às vezes, faltou alguma coisa, mas as professoras que nos conheciam e que nos davam as aulas no curso de Educação Intercultural, elas me ajudaram, com as cestas básicas, que eu precisava, e algumas roupas, alguns brinquedos também, traziam para mim, para os meus meninos. Foi assim que eu fiquei na cidade para estudar no mestrado.

**André:** Um ponto importante dessa trajetória é que você foi para Goiânia com a família.

**Caetano:** Sim! Eu levei a minha família para ficar comigo lá na cidade, em Goiânia, porque, como eu já passei por essa dificuldade de deixar a família na aldeia e eu na cidade, a preocupação é muito grande com a família, por isso eu resolvi levar a minha família para estar comigo na cidade, durante o curso de meu mestrado. É assim que eu fiz.

**André:** E, aí, depois de um tempo já, não é, Caetano, já tinham começado as aulas, se não me engano, você decidiu retornar para a aldeia?

**Caetano:** Sim.

**André:** E você, Eneida?

**Eneida:** É, a dificuldade da vida que a gente enfrenta nessa pandemia, cada um dentro da sua realidade, dentro do seu mundo-lugar, mas a dificuldade existe. Vou só falar um pouco da trajetória dele que, durante os dias que ele estava lá, eu senti até inveja de estar lá também, porque parecia tão, assim, fácil de ter acesso à internet. Por ser na cidade, a gente cria um equívoco que parece ser, assim, fácil. Mas, na verdade, não é, porque a partir do momento que eu soube das dificuldades deles, que eles estavam enfrentando, por exemplo, os meninos que estavam lá, chegou um momento que estava faltando alimento para eles e a gente teve que se mobilizar, de uma forma e de outra para a gente dar a mão, estender a mão para eles, porque na cidade tudo é pago. Não é como na aldeia. Na aldeia, a gente pega com o vizinho, com a família, com os parentes, pega alguma coisa emprestada. Já na cidade não é isso. Na cidade, quando

você sai pedindo, você é um preguiçoso. Você é interpretado de outra maneira, não tem a sensibilidade. E, aí, fui criando um equívoco, "se eu ficasse em Goiânia, com certeza a internet seria muito melhor, seria tudo mais fácil para eu estudar". E naquela época, quando começaram as aulas, no mês de setembro, o tal de computador... tinha que ter computador para poder participar das aulas remotas. Eu tinha que ter computador para escrever a minha dissertação, os meus trabalhos, os meus textos, porque a memória do celular não era suficiente. Então, eu criei esse pensamento, "Nossa! Se eu tivesse lá em Goiânia, com certeza, eu iria lá buscar esse computador, esse bendito computador, e *chip* também, para poder participar das aulas ativamente", porque aqui chovia e eu tive que me recolher. Às vezes, não tinha energia, eu tive que dar explicação. E tantos acontecimentos com a minha família, dentro da aldeia, eu não tinha essa condição de participar da aula. Então, eu fui criando o pensamento que "Nossa! Por que eu não estou produzindo bem? Por que eu não estou produzindo? Por que a minha produção não é o suficiente?". Então, eu fui me autoviolentando, sabe? Eu fui cada vez mais me provocando, onde não existia mais energia, porque eu sou uma mulher que tem a sua família, que você é esposa, que você é mãe, dona de casa e você também tem que fazer papel de estudante ativamente e às vezes isso não era o cem por cento. E quando eu entrava para a aula, eu tinha que caçar um lugar para a internet ajudar, de ser boa, porque a minha família é grande, porque eu não podia ficar dentro de uma casa, porque era o barulho de criança para lá e para cá, me chamando, e as crianças não entendiam porque eu não dava atenção. O meu esposo, o meu parceiro, que sempre me apoiou e fazia de tudo. Ele pegava as crianças, saía na mata para caçar caju. Ele fazia de tudo para poder me ajudar. Saía com as crianças nos vizinhos, para visitar os avós e todo jeito ele fazia para eu estar presente na aula. A nossa organização social, na família, dentro de casa, foi mudança radical. Tinha que ter horário, para eu participar da aula. O meu esposo tinha que botar as crianças para dormir cedo, porque duas horas da tarde eu tinha que estar na aula, com menos barulho e sem as crianças me chamando. Isso, assim, é uma luta. Qualquer outra pessoa não entendia. Às vezes, eu entrava na sala, eu tinha que lavar meu rosto, fazer que eu estava bem, que eu estava sendo uma estudante, porque eu falo que numa situação a gente tem que se comportar como tal. Mas é a luta. Hoje, é totalmente diferente. As crianças, a família, estão compreendendo e que o mundo tem que ser assim. Esses dias, estava assistindo *live* do Daniel Munduruku e esses encontros estão formando uma aldeia virtual. E a gente está se adaptando, a gente está se reconhecendo, a gente está conhecendo esse mundo da tecnologia. Esse mundo em que acontece esse tipo de encontro, para aprender, para a gente ensinar alguém, para a gente ser ouvida, nossa voz ser ouvida, a gente falar do nosso conhecimento. Hoje, eu

falo que valeu à pena. Valeu à pena estar presente, de fazer de tudo para estar presente. Mas, infelizmente, às vezes a gente tem que se recolher, dependendo da situação da vida, porque a gente não controla a natureza. Por exemplo, quando chove, nós *Akwê*, todos nós nos recolhemos. Todos nós ficamos em silêncio, sentados, sabe? Para respeitar a natureza. E quando eu fizer isso, eu não vou estar presente na aula. A única coisa que eu tinha, graças a UFG, graças ao seu esforço, professor, é o computador. Eu estou assistindo essa aula remota num computador, mas depois de um ano quase. Eu tinha só um tripé e um celular e um caderno na mão para poder estudar. Num mestrado, que não é tão simples assim, que não é, assim, um ensino fundamental, não é texto de cinco páginas. São de, por exemplo, muitas páginas. E a memória do celular não é suficiente para a gente ter esses materiais, porque, antes da chegada do computador, o meu esposo tinha que ir na cidade para poder fazer a impressão e, na cidade, cada impressão é um real. E aí, se você pegar um mototáxi é vinte e cinco reais ida e volta. Imagina... e gasolina aqui não está tão barata, por ser interior. E, às vezes, a gente comprava só o papel, quando dava para imprimir aqui na escola. É uma luta, sabe? E, às vezes, às pessoas não nos compreendiam. Por exemplo, quantas vezes eu já entreguei atividade atrasada, às vezes, por não estar na aula, porque aqui no interior, na aldeia, por exemplo, pagar a internet é quase trezentos reais. Então, tudo gera custo. Mas, pelo menos, você está em sua residência, junto com a família, porque nessa pandemia, nós perdemos pessoas queridas. Pessoas queridas ficaram doentes. A gente teve que implorar para as pessoas queridas ficarem boas. A gente teve que fazer de tudo para estar presente, preocupada com as pessoas queridas. Nesse tempo da pandemia, foi uma luta com vários nomes, com vários sentidos da vida que a gente teve que reaprender, reviver, conviver com a situação. Então, hoje eu falo que eu estou bem. Hoje, a tecnologia ajuda bastante. A família foi aprendendo que você tem que estar presente, a família reconhecendo que você tem que estar presente na aula. Porque nada é separado. Se você é mãe, se você é esposa, se você é estudante, tudo é ao mesmo tempo. Eu estou falando isso como uma mulher, como uma mulher indígena, estudante, de uma aldeia. É tanta coisa ao mesmo tempo, diga-se de passagem. Então, é isso. Talvez, eu tenha esquecido alguma coisa, depois, quem sabe, eu acrescento mais.

**André:** A conversa é livre! O que importa é como vocês constroem, como analisam, esse momento tão difícil. Para mim, foi uma grande frustração. Tem sido, porque é a primeira experiência de orientar pesquisadores indígenas na pós-graduação. Então, desde o momento da seleção, quando vocês me procuraram para orientar, eu estava muito empolgado com tudo isso, de continuar as reflexões que a gente tinha começado, de alguma forma, na Educação

Intercultural, mas ampliando, aprofundando isso, aprendendo com vocês, principalmente. Eu havia planejado grupos de estudo, oficinas de práticas de leitura e escrita de textos, grupos de estudo para o mestrado, mas também para que vocês apresentassem seus pontos de vista, o conhecimento de vocês, porque a ideia de um grupo que visa estudar interculturalidade seria muito um diálogo de conhecimentos e de poder acompanhar a trajetória de vocês mais de perto, como minha orientanda e como meu orientando. Tudo isso foi por água abaixo com a pandemia. Desde então, eu trabalho de casa, como vocês. Então, para mim foi uma frustração muito grande, esse fato de a gente não poder estar perto. Foi uma preocupação muito grande. No começo, estávamos todos nós muito assustados. Sabemos pouco ainda, mas naquele momento a gente sabia menos ainda sobre essa pandemia, sobre a doença. Então, estava todo mundo com muito medo de sair de casa. E chegou um momento que eu comecei a ficar muitíssimo preocupado, em alguns momentos até muito revoltado. Vocês puderam perceber isso em vários momentos das nossas conversas no ano passado, com a pressão do programa de pós-graduação para retomar as atividades, num momento em que todos os dias eu recebia notícias de vocês, de parentes adoecendo, de parentes falecendo de covid. Não tinha sentido a gente retomar as atividades no programa de pós-graduação numa situação dessas. Eu me lembro de várias conversas que tivemos, por conta dessa preocupação, e de muitas formas eu me senti forçado, acho que eu posso usar essa palavra, a retomar as atividades remotamente, porque a outra preocupação passou a ser sobre que condições esses estudantes têm de ter aulas remotas. Eu me lembro, Eneida, de você falando, desde o começo, que você só tinha o celular, que você escrevia seus trabalhos no bloco de notas do celular. Não tinha cabimento o programa forçar essa situação. Como o Caetano estava em Goiânia, ainda foi mais fácil o acesso ao computador, porque no começo o Caetano também estava com problema de um computador que não funcionava bem e estava muito difícil, além de todos esses problemas das condições para se manter na cidade, que é muito mais caro, certamente, do que estar na aldeia. A minha visão sobre isso passou por todas essas dimensões, de preocupação, claro, comigo, com a minha família, minhas pessoas próximas, mas também com vocês. Era um momento realmente crítico. Aí, em setembro de 2020, depois que a universidade decidiu que a gente teria que voltar, foi uma outra preocupação sobre como fazer isso, como trabalhar com estudantes que estão vivenciando momentos tão difíceis, com situações muito diferentes e do lado de cá, Eneida, pode ter certeza, foi um desafio muito grande esse começo de trabalho remoto. E, como você disse, você teve acesso ao computador, por essa política de empréstimos da universidade, esse ano. Ou seja, passou mais de um semestre de aula, com todas essas dificuldades de estrutura. E

Caetano também teve outras dificuldades. Falta de energia, falta de conexão, falta de internet, vira e mexe a internet cai, pelo fato de estarem nas aldeias. Caetano, você quer falar?

**Caetano:** Só, assim, explicando a situação que eu estava passando na cidade, em Goiânia, até que ficou um pouco de problema. Quando eu estava em Goiânia, eu também não sabia como manusear o computador, para abrir, mexer. Então, essa dificuldade eu passei, mas aos poucos, o senhor me explicou como mexer, aí eu fui aprendendo as coisas, um pouco, cada vez mais. E quando já estava aqui na aldeia, pior ainda, porque a aldeia é muito distante aqui da nossa cidade, Barra do Garças. Então, a internet não é muito forte para trabalhar, principalmente, assim, no estudo. Isso está acontecendo agora. É por isso que eu estou usando a internet aqui na casa dos padres e estou pensando em instalar dentro da minha casa, para me facilitar mais. Ainda não decidi e também para a instalação da internet *wi-fi*. Os colegas aqui da aldeia, os professores, já instalaram a internet *wi-fi* e para a instalação disseram que é seiscentos reais para pagar a instalação, aí depois, paga por mês cento e cinquenta reais, dependendo da força da internet. Se for um pouco mais forte, se pagava por mês cento e setenta reais.

**André:** Outro ponto importante que o Caetano menciona, que a gente, nós todos, tivemos que aprender a lidar com esse mundo virtual. Eu, pelo menos, usava muito menos essas ferramentas antes da pandemia, mas chegou num ponto em que a gente não tinha outra escolha. Ou era de forma remota ou não fazia. E tivemos todos que aprender a lidar. E, aí, a Eneida me lembrou de um fato de que a primeira reunião que a gente conseguiu fazer, marcar de forma remota, eu usei um aplicativo que estava todo em inglês e isso gerou uma preocupação para você também.

**Eneida:** Pois é. Eu entrei em pânico, nesse dia. E nessa tarde, quando o professor mandou um aplicativo todo em inglês, “meu Deus do céu!”. Eu entrei em pânico, mas me mantive calma, e o professor “Eneida, é tudo em inglês, mas vamos que vamos! Vai dar certo!”. Então, esse foi o nosso encontro com esse tipo de tecnologia. É como eu sempre falo, a minha alfabetização foi na língua estrangeira, que é o português, imagina ainda os nossos encontros de aulas remotas, foi mais estrangeiro ainda, que é tudo em inglês. Mas cada encontro nosso, como o professor sempre fala, se colocando no lugar da gente, isso nos estimula mais de a gente não parar, a gente lutar e a nossa armadura é o conhecimento. Se a gente tem o conhecimento hoje, através das aulas remotas, das atividades à distância, valeu à pena por aprendermos, estarmos juntos, mesmo distantes. Mas tendo esses encontros, contribuiu bastante também, até para dar valor ao que antes a gente não dava. E em todos os nossos encontros nas disciplinas, com nossos colegas, cada um do seu mundo-lugar, há uma comunicação, que o português é o meio de a gente se comunicar, que é uma contribuição para a gente estar armada. A gente se armar. Eu

sempre falo que nós, povos indígenas, para a nossa armadura não é suficiente mais o arco e flecha, borduna. As nossas cabeças, nosso corpo, tudo que a gente conseguir colocar de coisas boas, a gente pode colocar, para ser benéfico para nossa vida. E quantas vezes eu entrei, assim, querendo desabafar com o professor o que acontecia comigo, quais eram os impactos que eu estava sofrendo durante essa pandemia, durante essas aulas remotas. Quantas vezes eu já chorei nos nossos encontros com o professor André, falando das minhas vivências e convivências, dos meus sentimentos neste momento dos nossos encontros. E a gente se conheceu. A gente se conheceu intimamente, como professor e aluna, porque o professor me deu a confiança de confiar nele, porque essa sensibilidade que ele tem, me encanta, porque o professor se coloca no lugar da gente. E quantas vezes eu já mandei o áudio para o professor, porque minha mãe estava quase morrendo, o meu irmão, com covid, as minhas crianças estavam com febre, às vezes. E o meu cunhado, quando teve covid, sete horas da noite e eu mandando áudio para o professor, porque o meu esposo estava chorando, preocupado com o irmão. Se estamos aqui hoje, não sei se é o momento oportuno, mas eu gostaria de manifestar esse sentimento, esse meu verdadeiro sentimento que eu sinto e que essa pandemia me fez refletir sobre a vida. Eu falo que é pandêmico o nosso encontro. Eu, sinceramente, o meu verdadeiro sentimento, as minhas palavras manifestadas são verdadeiras, o que será dito por mim. Eu admiro o professor, como pessoa, como ser humano, se eu estou falando isso hoje é porque eu tenho os meus motivos. Eu não dei abraço no senhor. A gente não teve diálogo pessoalmente ainda. Depois do nosso encontro na UFG, a gente nunca teve um encontro como professor e aluna, mas o sentimento que me fez sentir, durante essa pandemia, com nossos encontros, o senhor como meu professor, que na minha língua é *rowahtukwa*, que é a pessoa que ensina, o ensinador, mas isso o professor me mostrou, um além de quem ensina, além de quem mostra o caminho, o caminho do conhecimento, porque me fez refletir hoje. Quantas vezes eu já mandei o áudio para o professor, preocupada, às vezes, chorando e o professor sempre tentando me acalmar, porque ele estava lutando contra a maré, que é o sistema, porque o sistema estava impondo, sem saber a nossa realidade de vida, dentro da aldeia, numa comunidade bem remota, sem nenhuma tecnologia adequada, muito menos internet com alta velocidade. Então, assim, me trouxe sentimento que o professor fez de tudo. Se hoje estamos aqui presentes é porque o senhor contribuiu bastante, assim, ao falar de nós, falar por nós para o sistema, para as pessoas envolvidas, porque o senhor estava preocupado com a qualidade de ensino, como sempre fez presencialmente. E o senhor queria trazer esse presencialmente para o virtual, mas tinha alguns empecilhos, que não tinha ferramenta de qualidade, a internet com alta velocidade para a gente

se ver, pelo menos aproximar do presencialmente. Mas isso criou um sentimento verdadeiro para a gente nos conhecer e se reconhecer, dar valor em quem nos ouve, dar valor em quem se coloca à disposição e não é todo mundo que faz isso. Eu e Caetano, nós sabemos disso. Nós somos indígenas e nós sabemos quem nos leva a sério. A gente sabe quem nos ouve. Lá nas minhas escrevivências, eu disse que na Intercultural a gente encontrou pessoas com os ouvidos sensíveis e a gente conta nos dedos quem são eles. A gente conta com os dedos. Então, assim, a interculturalidade contribuiu bastante de a gente se reconhecer como indígena, como estudante indígena e criar as nossas armaduras, que é o conhecimento, que é o português, para a gente aprender, não para falar bem, mas para a gente levar as nossas demandas, para nos comunicar, ir atrás da nossa necessidade, nós como indígenas. Eu estou falando isso como mulher indígena, com sensibilidade de uma mulher indígena. Eu só tenho a minha gratidão. Isso são minhas sinceras palavras manifestadas, porque me fez sentir esse sentimento. Porque a gente sabe o que a gente viveu durante essa pandemia e essas aulas remotas, nessas atividades à distância, a gente perder tudo e o professor, às vezes, "não, Eneida, quando puder você entra", quando chovia muito. Um raio acertou minha casa. Quando eu cheguei na minha casa, assim, pedra de tijolo na entrada da minha casa, minha irmã chorando com neném no colo, os roteadores todos queimados, os meus freezers saindo fumaça. Eu vivi isso. E durante essa minha vivência, nem tudo eu levava para o professor. Eu tinha vergonha de levar essa dificuldade, porque eu sou bolsista. Alguém já me disse, "você é bolsista, você pode comprar tudo. Se você não tivesse, tudo bem. Você não estaria reclamando". Alguém já me disse isso. Então, eu criei esse pensamento de me intimidar, como aluna eu me intimidei. Então, eu não quis falar para o professor, mas o raio acertou a minha casa. Então, assim, a bolsa não resolve tudo. Bolsa não cria sentimento, mas traz uma contribuição enorme, eu sei disso! Eu sei que vai ajudar você pagar sua internet, as suas impressões, para ir na cidade para imprimir os textos, que aqui uma folha é um real, fora o deslocamento que você tem que pagar. Não sei se é o momento oportuno de eu poder falar sobre isso, mas esse momento, para mim, é um momento de reflexão. Se hoje eu tenho o computador, tenho internet aqui na minha casa, a sua contribuição para mim é completamente válida, é completamente respeitada por mim, pela minha família, porque a minha família sabe disso, a minha família acompanha a minha trajetória, nas dificuldades, nas lutas, mas também nas conquistas, porque não é só a obrigação, mas também a alegria de fazer mestrado, de estar no mestrado e documentar o conhecimento coletivo do meu povo por minha pessoa. Isso, assim, não tem preço. Eu só queria manifestar nesse sentido, professor. Eu só tenho gratidão. Eu sempre falo para todo mundo que o senhor tem uma sensibilidade que eu

admiro bastante de se colocar no lugar da pessoa, principalmente do seu aluno, porque não são todos que fazem isso. Eu falo para minhas crianças que é muito mais fácil a gente encontrar pessoas para jogar a gente num buraco do que tirar a gente no buraco. Então, algumas vezes, a gente se depara com essas situações. Então, é isso. Esse vento sereno que eu estou sentindo, que talvez me trouxe essa sensibilidade de falar para o senhor que eu tenho a gratidão de poder usar esse computador, que para muitos é simples, para mim não foi. Quantas vezes o senhor já bateu na tecla com a coordenação que eu precisava de um computador? Quantas vezes o senhor já foi fazer uma ligação que eu precisava de internet para fazer aula? Então, eu só tenho que agradecer mesmo. Eu faço valer esse momento oportuno para te agradecer, por tudo que estou tendo, esse privilégio. Eu sei que ainda muita coisa pode ser melhorada, pode ser conquistada, mas por tudo que a gente já teve de avanço, essas tecnologias que nos ajudam, isso para mim é agradecimento. Eu tenho que agradecer, fazer esse momento de agradecimento. Desculpa, Caetano! Eu falo muito, mas são as minhas palavras.

**André:** Imagina, Eneida! Isso que você entende como privilégio, eu chamo de direito básico. E nessa briga toda, nós como grupo que já trabalha junto a partir da Intercultural, contamos muito com a ajuda das outras professoras que estavam no programa. A professora Mônica Veloso, que estava na vice-coordenação. Foi importantíssimo ela estar lá nesse momento, porque eu acho que fez o programa também ficar mais sensível para a situação dos estudantes indígenas. A própria professora Maria do Socorro, que sempre foi uma guerreira, sempre lutou muito pelos direitos dos povos indígenas e pelos direitos dos estudantes indígenas na universidade, sempre teve uma visão muito crítica sobre essa ideia de inclusão da universidade, que acaba se tornando exclusão. Então, essa foi uma briga de várias pessoas, na verdade. E eu também sou muito grato a vocês pela confiança, por entenderem que a situação é essa e é o que a gente pode fazer de melhor nesse momento e confiarem nisso. A relação com vocês ajudou muito a eu passar por esse momento de pandemia, de conseguir pensar em alternativas para que a gente pudesse construir conhecimentos juntos. Esse contato com você e com Caetano, mas também com as outras orientandas, nesse momento, foi muito importante para a gente se dar forças coletivamente. Mas, agora, a gente já está com mais de um ano e meio de curso, vocês já estão cursando a última disciplina obrigatória. Eu queria que vocês fizessem uma avaliação geral. Hoje, vocês olhando para essa trajetória, especialmente, nas disciplinas, vocês acham que estão conseguindo ter aproveitamento, por causa desse ensino remoto? Estão conseguindo tirar proveito das disciplinas? O que mais marcou vocês nas disciplinas, o que vocês aprenderam de mais importante? Mas também as principais dificuldades para acompanhar as disciplinas.

**Caetano:** Com relação às disciplinas, eu considero muito importante as disciplinas que estudamos e, também, essas disciplinas se relacionam com os nossos projetos de pesquisa. Então, as disciplinas que estudamos me ajudaram muito a abrir a minha visão para ver a minha realidade, fazendo a comparação com a vida dos *waradzu*<sup>16</sup>, melhor dizendo assim. Então, mesmo encontrando dificuldades de entendimento e compreensão dos termos estudados, ajudou a conhecer outras coisas, outras partes dentro das línguas que estudamos. Pela minha consideração, eu vejo como muito válidas as disciplinas que vocês trabalharam para nós, porque está relacionando às nossas línguas. E hoje nós começamos com as professoras Aline e Glúcia, sobre Tópicos da Tipologia Linguística. Essa disciplina já tínhamos visto um pouco, na Intercultural. Agora, hoje, vimos novamente essa disciplina e, assim, abriu a minha visão, que na língua portuguesa existe também, assim, os tipos de línguas que se pode conhecer e aprender. A mesma coisa também com a nossa língua, a língua indígena. Dentro da língua indígena também existem os tipos de linguagem que a gente pode utilizar em momentos diferentes, de cada situação. Nisso, eu fiquei muito grato de ter visto nessa disciplina e ouvindo as experiências de vocês, que explicaram os termos, as palavras, dentro da linguagem, de modo geral.

**André:** Mas mesmo assim você sentiu dificuldades com a leitura e a compreensão de textos, Caetano?

**Caetano:** Sim, eu senti a dificuldade de compreender bem o texto, o termo, o significado, o que o texto está falando para mim. Mesmo escrito, ele está falando para mim, para eu conhecer o que ele estava dizendo naquele momento. Então, com isso eu passei também essa dificuldade de compreensão dos textos.

**André:** E o que você fez, de maneira geral, para superar essas dificuldades? Você pesquisava ou você levava para as salas de aula para tirar dúvida?

**Caetano:** Eu pesquisava. Eu pesquisava alguns termos ou algumas palavras para saber o seu significado, para que eu pudesse entender, mais ou menos, o que o texto está mostrando ou falando para mim. Então, é assim que eu fazia quando encontrava dificuldade com o texto e as palavras desconhecidas.

**André:** E você, Eneida?

**Eneida:** Ah, professor, quantas vezes eu já senti muitas dificuldades na leitura do texto, por ser, às vezes, técnico demais, porque o português é nossa segunda língua, imagina, se for técnico

---

<sup>16</sup> Na língua xavante, a palavra significa “não indígena”.

demais, se torna mais difícil ainda. Assim, quando era um texto grande, eu sentia dificuldade. E quando era literatura indígena, para mim, era falando quase a mesma língua, quase o mesmo pensamento, sentimento...

**André:** Mesmo em português?

**Eneida:** É. Um sentimento que trazia ao falar da aldeia, dos conhecimentos tradicionais de cada povo, isso, assim, parece que trazia mais a força para eu escrever sobre o meu conhecimento coletivo, o conhecimento do meu povo, escrever quem eu sou, de onde eu sou. Mas muitas leituras também me ensinaram muita coisa de falar da simplicidade e eu amo falar da Conceição Evaristo, quando a mãe desenhava um grande sol com pedaço de graveto. Nossa! Aquilo lá me encanta. E da Analu, nossa! Falar das pessoas fazendo suas artes nas ruas, isso também me trouxe muito pensamento positivo, de eu falar sobre a minha pessoa, sobre o meu povo. Davi Kopenawa, Munduruku, nossa! A literatura indígena me trouxe um pensamento, assim, de eu não parar, de eu escrever sobre o meu conhecimento, sobre a minha pessoa, sobre o meu conhecimento coletivo, que eu estou escrevendo. Hoje foi a manhã de escrever. Tive o meu momento das minhas escrevivências no conhecimento coletivo, para colocar na minha dissertação, querendo falar tudo um pouco, querendo ser a mais inteligente, mas sabendo que tenho que falar só de algumas coisas. Isso me encanta, sabe? Mas teve muitos autores não indígenas também que trouxeram informação muito boa, que também serve para a minha formação como ser humano, como estudante. Então, eu senti dificuldade, talvez, nas compreensões, quando era português técnico, o padrão, que até hoje eu tenho as minhas dificuldades de falar de acordo com o padrão, mas eu falo do meu português, por onde e como eu conheço a minha comunicação. Isso também me fez sentir essa dificuldade. Eu sentia dificuldade nesse sentido também, porque eu fazia de tudo para fazer uma boa leitura. Nossa! Quando eu começava a fazer a leitura, eu viajava no tempo, como dizem alguns autores, de sentir a sinestesia. Você imaginar de estar naquele lugar e fazer parte da história. Porque isso é bom de a gente entender. Mas também tem texto que parece que você lê e você não consegue. Igual na minha fundamentação teórica que eu coloquei da Angela Kleiman, que parece água e óleo, não tem interação. Isso acontece também. Assim, as dificuldades foram isso também. Às vezes, nas aulas remotas, eu queria, assim... na aula presencial, você está numa sala de aula, não tem essa imagem igual, por mais que a gente tenta, a gente não consegue. E, nas aulas, muitas das vezes eu queria falar, o senhor já percebeu que eu falo muito, mas isso também, nesse lugar virtual, às vezes, eu ficava na minha. Muitas vezes, eu coloquei tantas anotações e eu queria compartilhar, mas o momento não era, assim, não era questão de ser apropriado, mas

não era, assim, ser livre de você levantar a mão e dizer o que você está pensando, o que você quer falar. Então, talvez, nesse sentido, eu também senti dificuldade. Mas, também, eu aprendi. Eu aprendi muita coisa. Aprendi a falar. Aprendi a falar na base da tecnologia. Eu aprendi a sentir que eu também quero ser ouvida, do meu mundo-lugar, da minha aldeia e da minha casa, que eu sou. Eu aprendi a ter esse sentimento de ser ouvida, de perder um pouco da timidez de uma mulher indígena. Eu aprendi a lidar com a tecnologia. Igual o Caetano estava falando, eu também estou aprendendo a lidar. Por mais que eu terminei o ensino técnico na área da informática, eu tenho as minhas dificuldades. Durante muito tempo eu fiquei sem mexer no computador. Então, me fez sentir essa dificuldade de aprender de novo, de reconhecer que eu preciso de ajuda.

**André:** E para você, Caetano, você sentiu alguma dificuldade nesse sentido da interação com a turma? Você se sentiu intimidado ou se sentiu à vontade para participar, enfim? Como você avalia a sua participação nas disciplinas?

**Caetano:** Como eu já falei para o senhor, quando o senhor me perguntou, assim, eu me avalio como uma pessoa que eu tenho pouca dificuldade, mas a dificuldade também é, assim, no sentido de falar o que o texto trouxe para mim, o que eu entendi do texto, para eu transmitir a minha compreensão para os colegas. Isso ainda eu tenho dificuldade, para eu expressar bem, em todo sentido, para que os colegas entendam e compreendam também. Então, essa é a minha avaliação por mim mesmo. E, por outro lado, a ideia minha era, assim, passar o meu conhecimento indígena *A'uwẽ Uptabi*, se tivéssemos em aulas presenciais, mas essa pandemia afetou tudo isso, essa minha ideia, para a gente se conhecer bem de perto. Dialogar nos tempos de intervalos. Mas, infelizmente, isso foi deixado tudo para trás.

**André:** Você acha que esse meio virtual, esse meio remoto, dificulta isso?

**Caetano:** É, dificulta mais ainda, no sentido de manusear o computador para se conectar, para participar das aulas.

**André:** Mas, e a relação com as colegas de turma, como você avalia?

**Caetano:** Assim, com relação às turmas, eu participei com poucas falas para passar aos colegas o meu entendimento do texto, com relação a tal situação. Isso estou me avaliando, a minha participação com a turma é pouca. É muito pouca ainda. Mas eu aprendi com eles, o que eles apresentaram sobre os textos que a gente trabalhava. Eu aprendi muito com eles outras ideias, outro conhecimento deles. Só faltou da minha parte, de passar a eles o meu conhecimento indígena. Isso que eu percebi por mim mesmo, na avaliação.

**André:** Porque nas duas turmas que eu dei aula para vocês, a avaliação que eu faço é de que as duas turmas, os colegas e as colegas, de maneira geral, ficaram muito instigadas, interessadas em ouvir vocês. Não sei se você percebeu isso?

**Caetano:** Sim, eu percebi. Um dos colegas que falou, não sei quem que é, que eles queriam muito mesmo nos ouvir, o nosso conhecimento, mas a gente não passou muito, muitas coisas dos nossos conhecimentos para eles. Isso eu percebi também.

**André:** Acho que a gente pode pensar nesse diálogo também por meio das dissertações de vocês, não é, Caetano?

**Caetano:** É.

**André:** Outro ponto que eu acho importante a gente pensar e que eu queria ouvir de vocês é sobre esse pioneirismo de vocês estarem no programa de pós-graduação. Como tem sido a experiência de fazer pesquisa nas próprias comunidades de vocês? De se constituir como pesquisadora e pesquisador indígenas, como que tem sido essa experiência? Eu sei que vocês já fizeram pesquisas. No curso de Educação Intercultural, vocês tiveram de fazer pesquisas nas comunidades, mas como tem sido essa experiência agora, no mestrado, como vocês avaliam isso?

**Eneida:** Ah, professor, existe uma diferença muito grande da pesquisa que nós fizemos na graduação. Assim, é totalmente diferente porque na Intercultural nós somos livres, nós somos livres para fazer pesquisa. É totalmente diferente. Comparando com o de hoje. Para mim, na Intercultural foi bem livre. Não tinha essa preocupação de política de fazer perfeito, cada um no seu quadrado, se eu posso dizer assim.

**André:** Mas, pelo que eu entendo, pelo que eu acompanho, você teve total liberdade para escolher o tema da sua pesquisa. Que é um tema que já vem de outra experiência bem de antes do mestrado.

**Eneida:** Sim! Nessa questão foi assim, eu escolhi. A partir do momento que eu vi as LPs do programa, "eu vou estudar isso aqui, que fala da língua, que fala da cultura e também da vida social", que você vai estudar com as pessoas. A partir do momento que eu vi esse tema, eu escolhi trabalhar o letramento do viver *Akwẽ*.

**André:** Que é o tema que você está desenvolvendo.

**Eneida:** Sim. Até então, estava muito recente o que eu vi muito sobre letramentos, os autores indígenas falando dentro sua cosmovisão, dentro daquilo que o senhor fala da leitura do mundo. Eu estava muito ainda, assim, aquecida. Eu queria trabalhar aquilo lá. A partir do momento que eu tive esse contato com o letramento intercultural que o professor estava nos mostrando, qual

a diferença, quais são os conceitos de letramento do branco e a gente teve contato com os conhecimentos, com os autores indígenas, isso me fez sentir essa vontade de fazer pesquisa sobre o letramento viver *Akwẽ*.

**André:** Por que você tem achado, então, que essa experiência de fazer pesquisa no mestrado te deixa menos livre?

**Eneida:** A partir do momento que a gente tem que seguir muitos protocolos, assim, me assusta. Talvez, é nesse sentido que eu falei. Porque tem que seguir muito o sistema, como deve ser feito, a tal de ABNT, por exemplo, do tempo também. Talvez é nesse sentido que há uma diferença muito grande.

**André:** Entendi. A preocupação é com a ABNT, que está mais relacionada à escrita do texto e ao tempo, que você diz, os prazos?

**Eneida:** Sim, os prazos. É verdade. Isso me assusta bastante, que me faz bloquear o meu raciocínio como pesquisadora, como estudante. A gente já está tão acostumado no nosso mundo, de ser livre, e quando a gente se depara com esse tipo de situação é um choque para a gente. É, talvez, isso. Nesse sentido que eu estou falando.

**André:** Entendi. Caetano, e para você?

**Caetano:** Eu avalio como, assim, sendo um pesquisador indígena, a facilidade, porque para fazer a pesquisa com o próprio irmão, o próprio parente, o próprio tio, é muito fácil colher as informações que ele tem, desde a sua vida de infância até o tempo presente. Então, eu não encontro dificuldade de fazer a pesquisa com o próprio indígena, com o próprio irmão, porque a gente se conhece bem, que mora dentro de uma aldeia, ou de outra aldeia, mas todo mundo se conhece, aí isso facilita para pesquisar o que a gente está querendo chegar no ponto. Então, foi essa a minha avaliação com relação ao mestrado.

**André:** Mas você me disse também que tem alguns pontos que acabam se tornando mais complexos, porque, se por um lado é mais fácil você se aproximar das pessoas para as entrevistas, para as conversas, por outro, tem que ter algum cuidado, de falar na língua indígena, ter respeito pelas pessoas e depois o desafio de passar isso para o português.

**Caetano:** Sim, eu tinha passado essa experiência. Como eu sou, assim, uma pessoa muito, digo, educado e respeitoso, eu considero, assim, um ancião uma pessoa importante para mim. Nesse sentido, eu fiz a minha pesquisa com a nossa própria língua, para que ele entenda o meu objetivo, a minha busca na pesquisa com ele. Então, essa é a diferença que eu percebi também, dentro dessa pesquisa do mestrado.

**André:** E você também mencionou algo parecido, não é, Eneida? Esse respeito, esse cuidado de estar fazendo pesquisa com os sábios e as sábias das comunidades.

**Eneida:** Sim, professor, foi um dos pontos que eu falei da complexidade. Fazer pesquisa com as pessoas sábias, os sábios da comunidade, é muito bom. Nossa! Você não precisa viajar, não precisa sair para mais longe, mas existe a regra também, dentro da organização social, entre o povo, no meu caso dentro da comunidade *Akwẽ*, que pode existir uma restrição, por você ser mulher. Tanto é que eu fiz essa pesquisa com uma mulher *Akwẽ*. Pode ser que existe uma hierarquia patriarcal dentro da cultura, que tem que ser os homens, porque durante décadas e décadas foram os homens que fizeram esse processo de estudar, de sair para fora e estudar.

**André:** Caetano, o que você tem achado desse processo de passar as entrevistas orais na língua indígena para a escrita em português?

**Caetano:** Eu tinha encontrado dificuldade, assim, para escrever a entrevista que eu fiz com o ancião para o português. Para dar o sentido da entrevista, eu traduzi de acordo com a fala dele, só que nem toda palavra se consegue traduzir para a língua portuguesa, mas o principal é a ideia que ele transmite, que ele fala, a ideia principal dele. Isso eu traduzo para o português. Outras partes menores eu, assim, não consigo traduzir.

**André:** E por que você não deixa na língua indígena essas partes?

**Caetano:** É isso que eu estava pensando depois, professor. Como eu estou fazendo, assim, a pesquisa da introdução da escrita, eu estava pensando que seria também muito importante deixar uma parte da entrevista na nossa língua e transcrever na nossa língua mesmo. Então, isso seria uma parte importante para provar essa pesquisa que eu estava fazendo.

**André:** E também para a gente se livrar dessa imposição de que a dissertação tem que ser em português, ou só em português.

**Caetano:** É.

**André:** Você começou escrevendo em português, mas na verdade a gente não conversou sobre isso. E da minha parte, você está livre para escrever nas duas línguas, sem problema.

**Caetano:** Mas agora é tempo que está correndo para finalizar, para entregar a parte para ser avaliada.

**André:** Mas a gente vai pensar nisso. Vamos fazer isso.

**Caetano:** Certo.

**André:** Eu queria retomar a questão de como tem sido para vocês desenvolverem pesquisas nas suas comunidades, como pesquisadora, como pesquisador indígena. Quais têm sido os pontos

positivos, as vantagens disso, e as dificuldades de serem pesquisadores dentro de suas próprias comunidades?

**Caetano:** Então, isso dificulta um pouquinho, porque cada dia, como nós indígenas temos atividades todo dia, de vez em quando acontecem atividades internas dentro da comunidade, então, isso também atrapalha um pouco. Eu, pessoalmente, ainda gosto de caçar. Então, como já sou, assim, pessoa educada e capacitada na vivência dos não indígenas, isso não me impede de realizar atividade interna, dentro da minha comunidade ou dentro da minha cultura. Então, isso me tira do trabalho que eu ia fazer e fui deixando para trás. Eu não deixo de fazer essa atividade interna, dentro da minha comunidade. O que torna mais fácil para fazer pesquisa é o diálogo com a nossa própria língua. Isso ajuda muito. Dentro da própria comunidade, facilita muito fazer a pesquisa com ancião que já tem conhecimento da sua época. Isso enriquece o conhecimento para mim e, principalmente, para as novas gerações que estão vindo. Então, para isso é muito importante a pesquisa com os anciãos, que sabem, que vivenciaram a época, quando eram jovens, meninos, adultos. Então, isso é o ponto positivo que eu considero. Para facilitar mais ainda a entrevista com ancião é fazer entrevista com a nossa própria língua. Aí ele, o entrevistado vai compreender o que o entrevistador está querendo saber. Isso facilita muito, a língua própria para contar alguma coisa que o pesquisador está buscando. Então isso é o ponto positivo.

**André:** E para você, Eneida, em relação à pesquisa na sua comunidade?

**Eneida:** Professor, é bom a gente fazer pesquisa dentro da nossa comunidade. É muito bom, porque você vai fazer com o seu povo, no conhecimento coletivo do seu povo. É um dos conhecimentos que vem crescendo, sendo ensinado ainda através da oralidade, que ainda é você ouvindo alguém ensinar. Um ponto positivo de você transformar esse conhecimento através da escrita é que muitas pessoas vão ver, através das imagens e através da escrita. E nós pesquisadores temos que ter... eu tenho essa preocupação. Por isso que eu quero que a minha dissertação tenha muita imagem para chamar a atenção daqueles que não conseguem ver, no ponto de fazer a leitura na escrita, mas fazer a leitura através de imagem, principalmente as pessoas que não conseguem ler o que está escrito, mas podem entender, compreender através das imagens, porque para muitos a imagem chama muito a atenção, principalmente nossas crianças que estamos alfabetizando. As crianças primeiro vão caçar as imagens, caçar as imagens ou querer tocar em alguma coisa que é do dia a dia da criança. Eu tenho essa preocupação, por isso que eu, na minha dissertação, quero ter as imagens, eu estou me organizando para fazer os desenhos, porque eu não sou muito boa em desenho. Então, é bom

ter essa preocupação, porque as pessoas que não sabem ler, também vão se sentir valorizadas, de ter esse cuidado de as pessoas lembrar dessas pessoas, porque eles que vieram antes para a gente estar aqui. Eles que ensinaram para nós aprendermos, transformar em escrita através de imagens. Por exemplo, eu que sou mulher, estou fazendo pesquisa com minha sogra, às vezes com meu sogro, essa é uma questão da organização cultural mesmo, que eu não tenho muita intimidade com meu sogro, mas eu tenho mais com a minha sogra. Então, eu tenho esse cuidado. Quando a minha sogra aceitou ser entrevistada por mim, os dois tiveram que conversar na madrugada, que ela podia falar do conhecimento da mãe dele que foi repassado para minha sogra. Então, é muito bom. É um dos pontos que eu acho, assim, fazer pesquisa dentro da comunidade é um ponto positivo de a gente ser conhecido e ser reconhecido através dessas ferramentas, desses tipos de materiais que são construídos por nós, mas trazidos por eles que vieram antes da gente. Então, uma das dificuldades que eu senti até agora é sobre essa questão da transcrição mesmo. Eu tive muita dificuldade mesmo, tanto é que eu ainda não fiz o que eu queria fazer sobre a história, esses dois mundos, que o *Akwẽ* conheceu, de onde viemos e como foi contada e por quem foi contada. Eu tive essa dificuldade de falar sobre. E também a questão da organização mesmo. Dentro da cultura tem esse costume de respeitar a questão clânica, a questão da organização patriarcal, em que a mulher não pode estar em todos os lugares que os homens estão. Por exemplo, eu tirei umas fotos da reunião, alguém tirou para mim dos homens reunidos, porque tem coisas que para nós mulheres ensinar para nossos filhos, os homens que ensinam também, a questão da paternidade. Então, ainda eu sinto essa dificuldade, talvez. Não é bem uma dificuldade, mas é esse cuidado de você pesquisar, sabe? Mas, assim, até agora para mim é um ponto bem positivo fazer pesquisa dentro da comunidade. Fazer pesquisa voltada para o conhecimento do seu povo, porque ainda nós somos os pesquisadores indígenas, estudantes indígenas e temos o trabalho de costurar mesmo os conhecimentos, transformar em escrita, conversar com outros autores. Eu falo assim que quanto mais a gente fala do nosso conhecimento, das nossas tradições, mais vamos ser conhecidos e a gente vai mostrar a cara, quem somos nós, de onde somos e que queremos ser respeitados também. Para mim, a gente está fazendo essa decolonialidade. A gente pintado numa universidade, isso é uma decolonialidade, porque a gente está mostrando a cara, a gente está mostrando quem somos e como somos, de onde somos. Eu queria falar mais ou menos isso, é um dos pontos positivos para mim.

**André:** Agora, eu queria que vocês me falassem um pouquinho sobre como tem sido o processo de escrita, porque tanto a Eneida como o Caetano vão qualificar em poucos dias, então já

vivenciaram esse processo de escrever as dissertações. O que vocês têm achado disso? Escrever uma dissertação de mestrado, como que tem sido?

**Caetano:** Para isso, o que eu aprendi durante os estudos, principalmente na gramática portuguesa, isso me ajuda, as regras, as normas, para se escrever, com os tempos, tempo presente, tempo passado e tempo futuro. Isso me ajudou a escrever neste momento. Então, eu não senti, assim, muita dificuldade de escrever, fazer a dissertação. Às vezes, eu não encontro as palavras técnicas para colocar no assunto. É isso que acontece comigo.

**André:** Certo, Caetano! E para você, Eneida?

**Eneida:** Além de dar muito trabalho, professor? Professor, a gente quando escreve, a gente sente dificuldade na hora da escrita. Eu sinto essa dificuldade, mas é uma dificuldade boa, porque quanto mais a gente estuda, faz as leituras, volta para algum texto, assim, é uma dificuldade, mas é uma dificuldade boa. Por exemplo, quando eu falo dos conhecimentos coletivos, falando do meu povo, para mim, assim, é muito bom, porque eu vou falando daquilo que eu conheço, daquilo que eu ouço, daquilo que eu vejo. Eu sinto as dificuldades na hora da escrita. Como o professor falou um dia, todos os alunos têm essa dificuldade na hora da escrita. E eu sinto essa dificuldade, talvez, ainda mais por ser segunda língua, de achar as concordâncias... Porque, às vezes, se a gente não tiver cuidado, a gente vai se autoviolentando, querendo fazer tudo certo. Num primeiro instante, eu fiz isso, porque quanto mais eu me autoviolentava, mais eu não conseguia escrever nada. Por mais que a gente tem muitas coisas boas, quando a gente está se preocupando demais com o termo técnico, acaba que a gente não consegue fazer nada, a gente não consegue escrever nada. E, aí, eu fui aprendendo que a gente tem que colocar o que tem que ser colocado, por exemplo, os nossos pensamentos da maneira como são. Eu falo assim, é uma dificuldade boa. Em compensação, à tarde, quando chega e a gente vai parando a atividade, a gente fala para nós mesmos, eu fico muito feliz aqui, até meu esposo, eu falei que ele é meu braço direito, esquerdo também, eu fico feliz, ele fica feliz quando eu produzo muito. Talvez, para o senhor é pouco, mas quando eu escrevo um texto de vinte e cinco linhas numa tarde toda, para mim é uma produção muito boa, para mim é assim "eu consegui escrever isso, eu elaborei isso". Eu me sinto muito feliz, sabe? Por exemplo, às vezes eu estudo de manhã e à tarde, eu pego alguns livros e escrevo e, às vezes, eu gravo vídeo também falando comigo mesma, dos meus pensamentos, como eu estou me sentindo naquele momento, porque não é todo dia que a gente tem essa produção. Não! Às vezes, a gente não consegue produzir. Tem dia que a gente não consegue. Eu, por exemplo, eu sou esposa, eu sou mãe de não sei quantas crianças e, às vezes, quando eu produzo um texto para mim é um ganho.

Nossa! Em um dia produzir um texto, eu considero como um ganho positivo. Mas para eu entender isso, eu sofri bastante. Eu sofri muito, porque eu reclamava comigo mesma "Nossa, eu escrevi só isso! Eu não fiz quase nada!". E hoje eu entendo as minhas limitações, as minhas condições naquele momento para eu produzir. Eu falei que é uma dificuldade boa, porque no final da tarde você tem algo, você fez alguma coisa, você produziu alguma coisa. Isso para mim é muito bom.

**André:** Eneida, você também está vivenciando uma outra experiência que é muito nova para todos nós, que são as oficinas de letramento com a Suety. Você acha que isso te ajudou nesse processo?

**Eneida:** Me ajudou bastante. Isso que eu queria falar. Depois desse contato com a oficina de letramento, também eu não sabia que ela é terapeuta, isso é uma contribuição bem benéfica para a minha pessoa, porque eu, como mulher, tenho altos e baixos e, às vezes, eu me autoviolentava, eu me cobrando mesmo. Eu queria fazer tudo ao mesmo tempo, mas sabendo que a gente não consegue fazer tudo ao mesmo tempo, porque você tem que ser alguém para fazer algo, sabe? Então, a gente tem que entender isso, que a gente na hora de produzir, é hora de produzir e, às vezes, a gente não quer separar. Sabendo que, na minha comunidade, por ser indígena, que nada é separado e a gente precisa se organizar para fazer as coisas. Eu tive essa dificuldade, porque, por exemplo, aqui tudo é ao mesmo tempo, tudo é você ser tanta coisa ao mesmo tempo. E eu não compreendia que a gente tem que saber, não separar, mas pelo menos deixar de lado para fazer algo diferente. Isso me atrapalhou bastante, porque eu não tinha esse conhecimento de você respeitar suas limitações, você como mulher, porque nós mulheres, às vezes, é um dia de mulher e você tem que se respeitar. E nós *Akwẽ*, nós respeitamos muito essa questão de ser mulher, de se respeitar, de se resguardar, de você se comportar diante da situação, de coisas de mulher. E, às vezes, eu não me respeitava, às vezes não colocava limite para mim mesma, principalmente, psicológico. Eu me autoviolentava, principalmente, na questão psicológica, porque eu queria fazer tudo ao mesmo tempo e eu não estava me entendendo, eu não estava me compreendendo que eu também preciso de momento para mim, ter as minhas limitações.

**André:** O que eu percebo, estando fora do processo, porque as oficinas de letramento são entre você e a Suety, eu conheço um pouquinho do método que ela utiliza, mas é um negócio de muita confiança entre vocês duas, não é? Olhando de fora, eu percebo que a sua produção, em relação à escrita, avançou muito depois das oficinas.

**Eneida:** Sim! E até em eu confiar em mim mesma na questão de eu produzir, porque até então, desde a minha alfabetização, não tive essa compreensão de que "Você é capaz, que você pode,

você consegue". Às vezes, é muito difícil de a gente ouvir e, às vezes, é muito difícil de a gente receber. E quando a gente recebe, por mais que a gente lutou, por exemplo, você escrever um texto e alguém elogiar e a gente "Não, não foi nada". A gente tem costume de falar isso, mas sabendo que você fez, você tirou o tempo, você escreveu, você sentiu a dificuldade para elaborar aquele texto. E a gente não tem costume de receber isso e, às vezes, a gente não recebe, parece que dá a impressão de que não aceita. E um dos momentos que a gente esteve juntas, de a gente falar de mulher, de mulher para mulher, que tem a sensibilidade de ser mulher, ajuda bastante. Por exemplo, tem uns dias que eu passo dificuldade com questão de família, questão de casa, e quando eu vou para o nosso encontro, parece que é a palavra certa, no momento certo, e ela contribui bastante na questão disso também. Na escrita também, ela me ajuda bastante.

**André:** Você acha que esse trabalho que a Suety faz com você ajudaria outros estudantes na pós-graduação?

**Eneida:** Ah, com certeza! Com certeza! Até mesmo para os alunos se reconhecerem, para se ouvir também e para ser ouvidos, para encorajar. Isso a gente conversa nos nossos encontros. Eu ajudo alguns alunos aqui de ensino médio, fundamental. À noite, as minhas primas vêm aqui, e tudo o que eu vivi durante o meu estudo, dentro da escola não indígena, eu falo para eles. E hoje eu falo para eles da questão da valorização, que todos nós somos capazes. Todos nós, se buscamos e aprendemos, nós fazemos coisas incríveis. E ela ajuda a me encorajar, de eu escrever. Um dia eu falei para o senhor que a literatura indígena trouxe a força para mim. E os nossos encontros também são uma força a mais para mim, na questão da transparência, de você ser vista, de você ser ouvida. Ajudaria bastante muitas pessoas, principalmente, na questão da produção, de dar força, que você é capaz, você consegue. Eu sou suspeita de falar, mas é uma pessoa preparada psicologicamente para ajudar outras pessoas no psicológico, porque muitas universitárias talvez passem pelo mesmo processo de se autoviolentar, de não respeitar os limites, de que um texto em um dia é muita coisa, porque tem uns que têm muita facilidade, mas para outros, não. A gente tem essa dificuldade. Eu, particularmente, não me compreendia, ao querer elaborar um texto numa tarde toda. Hoje, eu considero que é uma produção enorme. Para outros já não é quase nada.

**André:** Bacana! Agora, uma curiosidade. A gente já conversou sobre isso também em outros momentos, mas nunca conversamos juntos sobre isso. Se vocês tivessem a opção de fazer um trabalho de mestrado que não fosse escrito, um audiovisual, por exemplo, o que vocês acham dessa ideia?

**Eneida:** Professor, eu até pensei nisso, até ela me perguntou... porque eu gravo vídeo. Eu gravo muito vídeos para ela e fico mostrando para ela do que eu estou falando. Eu falo muito da questão do que há a minha volta. Eu falo das minhas produções. Ela me perguntou sobre isso também. Eu até poderia trabalhar, mas no momento eu não pensei nisso. Assim, eu quero trabalhar a escrita mesmo e desenhos, não exatamente desenhos, mas imagens.

**André:** E você, **Caetano**?

**Caetano:** Eu prefiro fazer por escrito, porque a minha preocupação é a escrita, como que vai ser repassada a escrita da nossa língua, as palavras, porque até o presente momento, os jovens de hoje não estão acertando a escrita das palavras, que os anciãos falavam. É nesse sentido que eu escolhi esse projeto, para pesquisar a história da escrita, como que entrou, como conheceram a escrita das palavras na nossa língua e depois, na língua portuguesa. Mas, se eu escolhesse audiovisual, eu trabalharia fazendo vídeo e traduzindo para a língua portuguesa as legendas da fala no vídeo. Acho que isso também seria, assim, um bom trabalho para ajudar o povo *A'uwẽ Uptabi*. Mas, quem sabe, além de mim, alguém pode fazer essa pesquisa, alguém pode trabalhar nisso.

**André:** Sim! Mas o seu interesse no momento, então, é fazer por meio da escrita? Sua preocupação, também, é com um modelo de escrita em *A'uwẽ Uptabi*?

**Caetano:** É, para que as gerações novas e as futuras gerações possam encontrar o próprio material, produzido pelo próprio *A'uwẽ Uptabi*. Então, é isso que é minha ideia no futuro, depois de terminar esse mestrado.

**André:** Bom, gente, conversamos bastante e só para finalizar essa roda de conversa, eu gostaria de saber como vocês estão se sentindo nas vésperas da qualificação.

**Caetano:** Professor, eu estou me sentindo, assim, alegre. Já ansioso de saber da aprovação.

**André:** Se Deus quiser, vai dar tudo certo, Caetano!

**Caetano:** Mas Deus quer! Deus quer que eu chegue lá. É para isso que eu nasci. É para isso que ele me deu essa oportunidade, a ideia de caminhar ao longo da minha vida.

**André:** E você, Eneida?

**Eneida:** Ah, professor, eu aproveito as palavras dele também. Nossa! Eu estou na expectativa. Eu também quero ser aprovada, porque a gente sabe da dificuldade enfrentada e das lutas até hoje. Por isso a gente quer ser aprovada. Queremos ouvir as palavras que nos motivam para a gente enfrentar e encarar, de fazer nossa dissertação, levando o nosso conhecimento coletivo na base da escrita, na base do conhecimento que é a escrita. A gente sabe das lutas e o professor vem acompanhando as nossas lutas e com certeza é um dos primeiros que nos apoia de a gente

ser aprovado, porque o senhor é quem nos ouve quando estamos alegres, quando estamos lutando, quando estamos, às vezes, tristes, às vezes, na dificuldade. Eu sou muito ansiosa, mas ainda estou de boa. Não quero me deixar mais ansiosa ainda, mas esse final de semana agora, eu quero muito fazer a leitura mesmo, de reler o meu trabalho, o que eu fiz, porque a gente produziu bastante e eu estava com essa dificuldade de aceitar isso, porque tem momento que a gente quer produzir, quer produzir, mas não tem como. Tudo na vida a gente tem que plantar e depois colher. Então, tem momento de plantar, tem momento de cuidar e tem momento de colher. E, às vezes, a gente não quer compreender isso na vida. É isso.

### **Considerações finais (ou as múltiplas vozes em uníssono)**

Não é nosso intuito, nestas breves palavras finais, proceder a uma análise dos temas tratados neste ensaio, algo que buscamos fazer seguindo o intercurso de nossa conversa, pois acreditamos que a oralidade seja um meio plenamente capaz de gerar análises profundas e sistematizadas e tão válidas quanto as que se utilizam da escrita para circularem. E foi isso que buscamos fazer neste texto. Assim, nosso ensaio em múltiplas vozes nos parece suficientemente explícito para que a leitora e o leitor construam sentidos e compreensões sobre a substância de nossas conversas em roda virtual.

De todo modo, alguns pontos nos parecem importantes para serem aqui retomados, já que este ensaio tem, também, o interesse de servir a uma reflexão institucional mais ampla, de modo que as trajetórias de Eneida e Caetano, e de André junto a ela e ele, possam contribuir com a maior abertura dos programas de pós-graduação para pesquisadores e pesquisadoras indígenas. Em nossa compreensão, isso significa rever, de forma muito criteriosa, dimensões que se iniciam com o próprio processo de seleção; sua burocracia, que acaba se tornando excludente; a política linguística restritiva, para aquelas e aqueles não socializadas/os em línguas hegemônicas na geopolítica da produção e circulação do conhecimento; a fundamentação teórica ocidentalocêntrica, tanto do processo seletivo como da maior parte das disciplinas ofertadas; os prazos que seguem uma concepção de vida distinta dos modos indígenas de pensamento e produção de conhecimento; o grafocentrismo que orienta os produtos finais de disciplinas e dos cursos de mestrado e doutorado, entre outras dimensões que podem ser repensadas, se o que se busca são acesso e permanência indígenas de forma honesta.

Seriam essas proposições para um horizonte utópico? Talvez. Acreditamos, contudo, que sejam mudanças possíveis. Afinal, quem diria, há alguns anos, que pesquisadoras/es indígenas estariam conduzindo pesquisas, como sujeitos do conhecimento, em programas de pós-graduação? Apesar de todos os obstáculos, o que percebemos é que essas/es pesquisadoras/es estão contando suas próprias histórias e, assim, adiando o fim do mundo (KRENAK, 2019, p. 27) e propondo, mais uma vez e com muita generosidade, ensinamentos de bem viver através de suas pesquisas.

As reflexões de Caetano e Eneida, e de André junto dele e dela, mostram que, ao menos da parte das/os pesquisadoras/es indígenas, há a abertura para o diálogo interepistêmico, mesmo que ele gere conflito, o que faz parte das relações interculturais. Revelam, entretanto, que essa atitude deve ser um encontro no meio do caminho, ao menos (ANZALDÚA, 1987, p. 20). Eneida, neste sentido, tornou explícitos os efeitos da leitura de textos de autoria indígena nas disciplinas cursadas. Caetano, por sua vez, propõe questões na prova de seleção nas línguas originárias das/os candidatas/os para que o português não seja, mais uma vez, um obstáculo... O quê, de fato, nos impede de avançar neste sentido? Pensar nesta direção nos parece um caminho produtivo para iniciar mudanças.

Apesar dos obstáculos estruturais e do drama de cursar o mestrado durante a pandemia de covid 19, Eneida (BRUPAHI XERENTE, 2022) e Caetano (MORITU, 2022) defenderam suas dissertações, em sessões ainda virtuais, mas profundamente emocionantes. Entregaram de forma digna e responsável suas contribuições para adiarmos o fim do mundo.

Antes de finalizarmos as palavras finais deste ensaio falado, sentimos que precisamos contar à leitora e ao leitor que as trajetórias de Caetano e Eneida se tornaram ainda mais difíceis depois da última roda de conversa aqui apresentada. Pessoas muito queridas e importantes para ele e ela, principalmente, deixaram este plano, encantaram. Situação que colocou, mais uma vez, suas resistência, resiliência e coragem à prova.

Em uníssono, transformamos nossas vozes neste ensaio falado numa homenagem a Veridiane Pedzahu Tserenhi'ru, a Francisco Moritu e a Hilda Stukrêpre Xerente. A essas e a todas as pessoas que nos constituem, apesar da ausência física, nossa gratidão. Hepãri! Tênhazê! Obrigado!

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. 2. ed. São Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BORGES, Suety Líbia Alves. *Letramento, gênero e raça na (re)construção e identidades de mulheres negras*. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BORGES, Suety Líbia Alves. *Letramento, gênero e raça na trajetória acadêmica de uma indígena mulher Akwẽ*. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2022.

BRUPAHI XERENTE, Eneida. *Letramentos do viver Akwẽ*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2022.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

IPAXI'AWYGA TAPIRAPÉ, Gilson (TENYWAAWI). *Takãra: centro epistemológico e sistema de comunicação cósmica para a vitalidade cultural do mundo Apyãwa*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2020.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

MORITU, Caetano Tserenhi'ru. *História da introdução da escrita entre o povo A'uwẽ Uptabi (Xavante Autêntico)*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura - O reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIRA, Heloisa H. S.; DANNER, Francisco. (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018, p. 81-83.

SOUZA, Ana Lúcia Silva Souza. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola, 2011.

Submetido em 07 de janeiro de 2020.

Aceito em 29 de julho de 2022.

Publicado 14 de outubro de 2022.